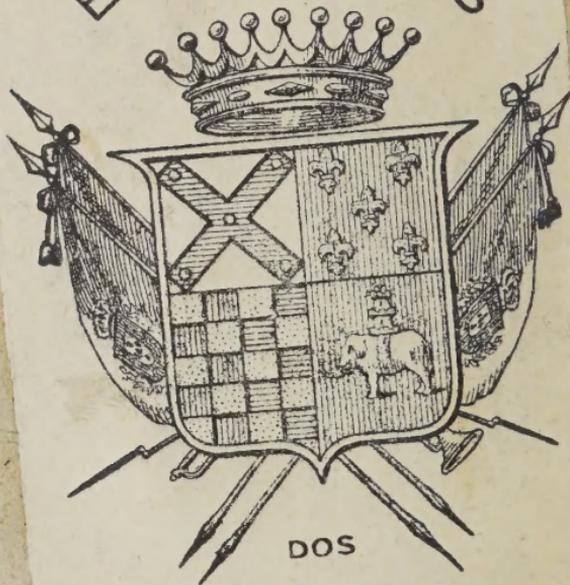


EX-LIBRIS



DOS

CONDES DO BOMFIM

N.º

Estante 65

Prateleira 191

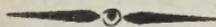


MARILIA
DE
DIRCEO.

POR T. A. G.

~~~~~  
PARTE I.  
~~~~~

NOVA EDIÇÃO.



LISBOA,
NA TYPOGRAPHIA ROLLANDIANA.

—
1840.

MARILLA

DE

DIRECTO.

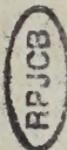
Por T. A. G.

.....

PART II

.....

NOVA EDITIO.



LIBRO

MATHEMATICA

1640

MARILIA
DE
DIRCEO.

LYRA I.

Eu, Marilia, não sou algum vaqueiro;
Que viva de guardar alheio gado;
De tosco trato, d'expressões grosseiro,
Dos frios gelos, e dos sóes queimado.
Tenho proprio casal, e nelle assisto;
Dá-me vinho, legume, fruta, azeite;
Das brancas ovelhinhas tiro o leite,
E mais as finas lãs, de que me visto.
Graças, Marilia bella,
Graças á minha Estrella!

Eu vi o meu semblante n'uma fonte,
Dos annos inda não está cortado:
Os Pastores, que habitão este monte,
Respeitão o poder do meu cajado:
Com tal destreza toco a sanfoninha,

Que inveja até me tem o proprio Alceste !
 Ao som della concérto a voz celeste ;
 Nem canto letra , que não seja minha.

Graças , Marilia bella ,
 Graças á minha Estrella !

Mas tendo tantos dotes da ventura ;
 Só apreço lhes dou , gentil Pastora ,
 Depois que o teu affecto me segura ,
 Que queres do que tenho ser senhora ;
 He bom , minha Marilia , he bom ser dono
 De hum rebanho , que cubra monte , e prado ;
 Porém , gentil Pastora , o teu agrado
 Vale mais q'hum rebanho , e mais q'hum tro-

Graças , Marilia bella , (no
 Graças á minha Estrella !

Os teus olhos espalhão luz divina ,
 A quem a luz do Sol em vão se atreve ;
 Papoula , ou rosa delicada , e fina ,
 Te cobre as faces , que são côr da neve.
 Os teus cabellos são huns fios d'ouro ;
 Teu lindo corpo balsamos vapóra.
 Ah ! não , não fez o Ceo , gentil Pastora ;
 Para gloria de Amor igual thesouro.

Graças , Marilia bella ,
 Graças á minha Estrella !

Leve-me a sementeira muito embora
O rio sobre os campos levantado :
Acabe , acabe a peste matadora ,
Sem deixar huma rez , o nedio gado.
Já destes bens , Marilia , não preciso :
Nem me cega a paixão , que o mundo arrasta ;
Para viver feliz , Marilia , basta
Que os olhos movas , e me dês hum riso.
Graças , Marilia bella ,
Graças á minha Estrella !

Irás a divertir-te na floresta ,
Sustentada , Marilia , no meu braço ;
Alli descansarei a quente sésta ,
Dormindo hum leve somno em teu regaço :
Em quanto a luta jogão os Pastores ,
E emparelhados correm nas campinas ,
Toucarei teus cabellos de boninas ,
Nos troncos gravarei os teus louvores.
Graças , Marilia bella ,
Graças á minha Estrella !

Depois que nos ferir a mão da Morte ,
Ou seja neste monte , ou n'outra serra ,
Nossos corpos terão , terão a sorte
De consumir os dous a mesma terra.
Na campa , rodeada de cyprestes ,

Lerão estas palavras os Pastores :
 « Quem quizer ser feliz nos seus amores ;
 « Siga os exemplos , que nos derão estes. »
 Graças , Marilia bella ,
 Graças á minha Estrella !

LYRA II.

Pintão , Marilia , os Poetas
 A hum menino vendado ;
 Com huma aljava de settas ,
 Arco empunhado na mão ;
 Ligeiras azas nos hombros ,
 O tenro corpo despido ,
 E de Amor , ou de Cupido
 São os nomes , que lhe dão.

Porém eu , Marilia , nego ,
 Que assim seja Amor ; pois elle
 Nem he moço , nem he cego ,
 Nem settas ; nem azas tem.
 Ora pois , eu vou formar-lhe
 Hum retrato-mais perfeito ,
 Que elle já ferio meu peito ;
 Por isso o conheço bem.

DE DIRCEO.

7.

Os seus compridos cabellos,
Que sobre as costas ondeão,
São que os de Apollo mais bellos;
Mas de loura côr não são.
Tem a côr da negra noite;
E com o branco do rosto
Fazem, Marilia, hum composto
Da mais formosa união.

Tem redonda, e liza testa,
Arqueadas sobranceiras;
A voz meiga, a vista honesta,
E seus olhos são huns sóes.
Aqui vence Amor ao Ceo,
Que no dia luminoso
O Ceo tem hum Sol formoso;
E o travesso Amor tem dois.

Na sua facè mimosa,
Marilia, estão misturadas
Purpureás folhas de rosa,
Branças folhas de jasmim.
Dos rubins mais preciosos
Os seus beijos são formados;
Os seus dentes delicados
São pedaços de marfim.

Mal vi seu rosto perfeito
 Dei logo hum suspiro , e elle
 Conheceo haver-me feito
 Estrago no coração.
 Punha em mim os olhos , quando
 Entendia eu não olhava :
 Vendo que o via , baixava
 A modesta vista ao chão.

Chamei-lhe hum dia formoso ;
 Elle , ouvindo os seus louvores ;
 Com hum gesto desdenhoso
 Se sorrio , e não fallou.
 Pintei-lhe outra vez o estado ,
 Em que estava esta alma posta ;
 Não me deo tambem resposta ,
 Constrangeo-se , e suspirou.

Conheço os signaes , e logo
 Animado da esperança ,
 Busco dar hum desafogo
 Ao cansado coração.
 Pégo em seus dedos nevados ,
 E querendo dar-lhe hum beijo ,
 Cobrio-se todo de pejo ,
 E fugio-me com a mão.

DE DIRCEO.

Tu; Marilia, agora vendo
De Amor o lindo retrato,
Comtigo estarás dizendo,
Que he este o retrato teu.
Sim, Marilia, a copia he tua;
Que Cupido he Deos supposto:
Se ha Cupido, he só teu rosto,
Que elle foi quem me venceo.

L Y R A III.

De amar, minha Marilia, a formosura
Não se podem livrar humanos peitos.
Adorão os Heróes; e os mesmos brutos
Aos grilhões de Cupido estão sujeitos.
Quem, Marilia, despreza huma belleza,
A luz da razão precisa;
E se tem discurso, pisa
A Lei, que lhe dictou a Natureza.

Cupido entrou no Ceo. O grande Jove
Huma vez se mudou em chuva de ouro;
Outras vezes tomou as várias fórmãs
De General de Thebas, velha, e touro.
O proprio Deos da Guerra deshumano

Não viveo de amor illeso ;
Quiz a Venus , e foi preso
Na rede , que lhe armou o Deos Vulcano :

Mas sendo amor igual para os viventes ,
Tem mais desculpa , ou menos esta chamma :
Amar formosos rostos acredita ,
Amar os feios de algum modo infama.
Quem lê que Jove amou , não lê nem topa ;
Que elle amou vulgar donzella :
Lê que amou a Danae bella ,
Encontra que roubou a linda Europa.

Se amar huma belleza se desculpa
Em quem ao proprio Ceo , e terra move ;
Qual he a minha gloria , pois igualo ,
Ou excedo no amor ao mesmo Jove ?
Amou o Pai dos Deoses Soberano
Hum semblante peregrino :
Eu adoro o teu divino ,
O teu divino rosto , e sou humano.

LYRA IV.

Marilia, teus olhos
São réos, e culpados,
Que soffra, e que beije
Os ferros pesados
De injusto Senhor.

Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Mal vi o teu rosto,
O sangue gelou-se,
A lingua prendeo-se,
Tremi, e mudou-se
Das faces a côr.

Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

A vista furtiva,
O riso imperfeito,
Fizerão a chaga,
Que abriste no peito,
Mais funda, e maior.

Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Dispuz-me a servir-te ;
Levava o teu gado
À fonte mais clara ,
À vargem , e prado
De relva melhor.

Marilia , escuta
Hum triste Pastor :

Se vinha da herdade ,
Trazia dos ninhos
As aves nascidas ,
Abrindo os biquinhos
De fome ou temor.

Marilia , escuta
Hum triste Pastor :

Se alguém te louvava ;
De gosto me enchia ;
Mas sempre o ciume
No rosto accendia
Hum vivo calor.

Marilia , escuta
Hum triste Pastor :

Se estavas alegre ,
Dirceo se alegrava ;
Se estavas sentida ,

Dirceo suspirava
A força da dôr.
Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Fallando com Laura,
Marilia dizia;
Sorria-se aquella,
E eu conhecia
O erro de amor.
Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Movida, Marilia,
De tanta ternura,
Nos braços me déste
Da tua fé pura
Hum doce penhor.
Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Tu mesma disseste
Que tudo podia
Mudar de figura;
Mas nunca seria
Teu peito traidor.
Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Tu já te mudaste;
 E a olaia frondosa,
 Aonde escreveste
 A jura-horrorosa,
 Tem todo o vigor.

Marilia, escuta
 Hum triste Pastor!

Mas eu te desculpo,
 Que o fado tyranno
 Te obriga a deixar-me;
 Pois basta o meu damno
 Da sorte, que for.

Marilia, escuta
 Hum triste Pastor.



L Y R A V.

Oh! quanto póde em nós a vária Estrella!
 Que diversos que são os genios nossos!
 Qual sólta a branca vella,
 E affronta sobre o pinho os mares grossos;
 Qual cinge com a malha o peito duro,
 E marchando na frente das cohortes,
 Faz a torre veiar, cahir o muro.

O sordido avarento em vão defende
Que possa o filho entrar no seu thesouro :

Aqui fechado estende

Sobre a taboa , que vérga , as barras d'ouro.
Sacode o jogador do cópo os dados ;
E n'uma noite só , que ao somno rouba ;
Perde o resto dos bens , do pai herdados.

O que da voraz gula o vicio adora ,
Da lauta meza os seus prazeres fia.

E o terno Alceste chora

Ao som dos versos , a que o genio o guia,
O sabio Galileo toma o compasso ,
E sem voar ao Cep , calcula , e mede
Das Estrellas , e Sol o immenso espaço.

Em quanto pois , Marilia , a vária gente
Se deixa conduzir do proprio gosto ,

Passo as horas contente

Notando as graças do teu lindo rosto.
Sem cansar-me a saber se o Sol se move ;
Ou se a terrã voltêa , assim conheço
Aonde chega o poder do grande Jove.

Noto , gentil Marilia , os teus cabellos ;
E noto as faces de jasmims , e rosas :

Noto os teus olhos bellos ,

Os brancos dentes , e as feições mimosas ;
 Quem fez huma obra tão perfeita , e linda ;
 Minha bella Marilia , tambem pôde
 Fazer os Ceos , e mais , se ha mais ainda :

~~~~~

L Y R A VI.

A caso são estes  
 Os sitios formosos ,  
 Aonde passava  
 Os annos gostosos ?  
 São estes os prados ;  
 Aonde brincava ,  
 Em quanto pastava  
 O gordo rebanho ,  
 Que Alceo me deixou ?  
     São estes os sitios ?  
     São estes ; mas eu  
     O mesmo não sou.  
     Marilia , tu chamas ?  
     Espera , que eu vou ,

Daquelle penhasco  
 Hum rio cahia ;  
 Ao som do susurro  
 Que vezes dormia !

'Agora não cobrem  
Espumas nevadas  
As pedras quebradas ;  
Parece que o rio  
O curso voltou.

São estes os sitios ?  
São estes ; mas eu  
O mesmo não sou.  
Marilia , tu chamas ?  
Espera , que eu vou ,

Meus versos alegre  
Aqui repetia :  
O Éco as palavras  
Tres vezes dizia.  
Se chamô por elle ;  
Já não me responde  
Parece se esconde ,  
Cansado de dar-me  
Os ais , que lhe dou.

São estes os sitios ?  
São estes ; mas eu  
O mesmo não sou.  
Marilia ; tu chamas ?  
Espera , que eu vou ,

Aqui hum regato  
B

Corria sereno  
Por margens cobertas  
De flores, e feno :  
À esquerda se erguia  
Hum bosque fechado,  
E o tempo apressado,  
Que nada respeita,  
Já tudo mudou.

São estes os sitios?  
São estes ; mas eu  
O mesmo não sou.  
Marilia, tu chamas?  
Espera, que eu vou.

Mas como discorro?  
Acaso podia  
Já tudo mudar-se  
No espaço de hum dia?  
Existem as fontes,  
E os freixos copados ;  
Dão flores os prados,  
E corre a cascata,  
Que nunca seccou.

São estes os sitios?  
São estes ; mas eu  
O mesmo não sou.  
Marilia, tu chamas?  
Espera, que eu vou.

Mínha alma , que tinha  
Liberta a vontade ,  
Agora já sente  
Amor , e saudade.  
Os sitios formosos ,  
Que já me agradarão ,  
Ah ! não se mudarão ;  
Mudarão-se os olhos ,  
De triste que estou.

São estes os sitios ?

São estes ; mas eu  
O mesmo não sou.

Marília , tu chamas ?

Espera , que eu vou.



## L Y R A VII.

Vou retratar a Marília ,  
A Marília , meus amores ;  
Porém como ? se eu não vejo  
Quem me empreste as finas cores :  
Dar-mas a terra não pôde ;  
Não , que a sua côr mimosa  
Vence o lyrio , vence a rosa ;  
O jasmim , e as outras flores.

Ah soccorre , Amor , soccorre

Ao mais grato empenho meu !  
 Vôa sobre os Astros , vôa ,  
 Traze-me as tintas do Ceo.

Mas não se esmoreça logo ;  
 Busquemos hum pouco mais ;  
 Nos mares talvez se encontrem  
 Côres , que sejam iguaes.  
 Porém não , que em paralelo  
 Da minha Nynfa adorada  
 Perolas não valem nada ,  
 E nada valem coraes.

Ah soccorre , Amor , soccorre  
 Ao mais grato empenho meu !  
 Vôa sobre os Astros , vôa ,  
 Traze-me as tintas do Ceo.

Só no Ceo achar-se pódem  
 Taes bellezas, como aquellas ;  
 Que Marilia tem nos olhos ,  
 E que tem nas faces bellas.  
 Mas ás faces graciosas ,  
 Aos negros olhos , que matão ,  
 Não imitão , não retratão  
 Nem Auroras , nem Estrellas.

Ah soccorre , Amor , soccorre  
 Ao mais grato empenho meu !

Vôa sobre os Astros , vôa ,  
Traz-me as tintas do Ceo.

Entremos , Amor , entremos ,  
Entremos na mesma Esféra ,  
Venha Pallas , venha Juno ,  
Venha a Deosa de Cythéra.  
Porém não , que se Marília  
No certame antigo entrasse ,  
Bem que a Páris não peitasse ,  
A todas as tres vencêra.

Vai-te , Amor , em vão soccorres  
Ao mais grato empenho meu :  
Para formar-lhe o retrato  
Não bastão tintas do Ceo.



## L Y R A VIII.

**E**u sou , gentil Marília , eu sou captivo ;  
Porém não me venceo a mão armada  
De ferro , e de furor :  
Huma alma sobre todas elevada  
Não cede a outra força , que não seja  
A tenra mão de Amor.

Arrastem pois os outros muito embora  
Cadêas nas bigornas trabalhadas  
Com pezados martellos :  
Eu tenho as minhas mãos ao carro atadas  
Com duros ferros não , com fios d'ouro ,  
Que são os teus cabellos.

Oculto nos teus meigos vivos olhos  
Cupido a tudo faz tyranna guerra :  
Sacode a setta ardente ;  
E sendo despedida cá da terra ,  
As nuvens rompe , chega ao alto Empyreo :  
E chega ainda quente.

As abelhas nas azas suspendidas  
Tirão , Marília , os succos saborosos  
Das orvalhadas flores :  
Pendentes dos teus beijos graciosos  
O mel não chupão , chupão ambrozias  
Nunca fartos Amores.

O Vento quando parte em largas fitas  
As folhas , que menêa com brandura ;  
A fonte crystallina ,  
Que sobre as pedras cae de immensa altura ,  
Não forma hum som tão doce , como forma  
A tua voz divina.

Em tórno dos teus peitos, que palpitão ;  
Exhalão mil suspiros desvelados  
    Enxames de desejos ;  
Se encontrão os teus olhos descuidados ,  
Por mais que se atropellem , voão , chegão ;  
    E dão furtivos beijos.

O Cisne , quando corta o manso lago ,  
Erguendo as brancas azas , e o pescoço ;  
    A Náo, que ao longe passa ,  
Quando o vento lhe infuna o panno grosso ,  
O teu garbo não tem , minha Marilia ,  
    Não tem a tua graça.

Estimem pois os mais a liberdade :  
Eu prézo o captiveiro : sim , nem chamo  
    A mão de amor impia :  
Honro a virtude , e os teus dotes amo :  
Tambem o grande Achilles veste a saia ,  
    Tambem Alcides fia.

## L Y R A IX.

**M**arilia , de que te queixas ?  
De que te roube Dirceo  
O sincero coração ?  
Não te dêo tambem o seu ?  
E tu , Marilia , primeiro  
Não lhe lançaste o grilhão ?  
Todos amão : só Marilia  
Desta Lei da Natureza  
Queria ter isenção ?

Em tôrno das castas pombas ,  
Não rulão ternos pombinhos ?  
E rulão , Marilia , em vão ?  
Não se afagão c'os biquinhos ?  
E a provas de mais ternura  
Não os arrasta a paixão ?  
Todos amão : só Marilia  
Desta Lei da Natureza  
Queria ter isenção ?

Já viste , minha Marilia ,  
Avezinhas , que não fação }  
Os seus ninhos no verão ?

Aquellas , com quem se enlaça o ;  
Não vão cantar-lhes defronte  
Do molle pouso , em que estão ?  
Todos amão : só Marilia  
Desta Lei da Natureza  
Queria ter isenção ?

Se os peixes , Marilia , gérão  
Nos bravos mares , e rios ,  
Tudo effeitos de Amor são,  
Amão os brutos impíos ,  
A serpente venenosa ,  
A onça , o tigre , o leão.  
Todos amão : só Marilia  
Desta Lei da Natureza  
Queria ter isenção ?

As grandes Deosas do Ceo  
Sentem a setta tyranna  
Da amorosa inclinação.  
Diana , com ser Diana ,  
Não se abrasa , não suspira  
Pelo amor de Endymião ?  
Todos amão : só Marilia  
Desta Lei da Natureza  
Queria ter isenção ?

Desiste, Marilia bella,  
 De huma queixa sustentada  
 Só na altiva opinião.  
 Esta chamma he inspirada  
 Pelo Ceo; pois nella assenta  
 A nossa conservação.

Todos amão: só Marilia  
 Desta Lei da Natureza  
 Não deve ter isenção.

~~~~~

L Y R A X.

Se existe hum peito,
 Que isento viva
 Da chamma activa,
 Que accende Amor;
 Ah! não habite
 Neste montado,
 Fuja apressado
 Do vil traidor.

Corra, que o impio
 Aqui se esconde,
 Não sei aonde;
 Mas sei que o vi.
 Traz novas settas.

Arco robusto ;
Tremi de susto ,
Em vão fugi.

Eu vou mostrar-vos ,
Tristes mortaes ,
Quantos signaes
O impio tem.
Oh ! como he justo
Que todo o humano
Hum tal tyranno
Conheça bem !

No corpo ainda
Menino existe ;
Mas quem resiste
Ao braço seu ?
Ao negro Inferno
Levou a guerra ;
Venceo a terra ,
Venceo o Ceo.

Jámais se cobrem
Seus membros bellos ;
E os seus cabellos
Que lindos são !
Vendados olhos ,

Que tudo alcanção ,
E jámais lançaõ
A setta em vão.

As suas faces
São côr da neve ;
E a bocca breve
Só risos tem.

Mas , ah ! respira
Negros venenos ,
Que nem ao menos
Os olhos vêm.

Aljava grande
Dependurada ,
Sempre atacada
De bons farpões.

Fere com estas
Agudas lanças
Pombinhas mansas ,
Bravos leões.

Se a setta falta ,
Tem outra prompta ;
Que a dura ponta
Jámais torceo.

Ninguem resiste

Aos golpes della :
Marilia bella
Foi quem lha deo.

Ah ! não sustente
Dura peleja
O que deseja
Ser vencedor.
Fuja , e não olhe ;
Que só fugindo
De hum rosto lindo
Se vence Amor.

L Y R A XI.

Não toques , minha Musa , não , não toques
Na sonora Lyra ,
Que ás almas , como a minha , namoradas
Doces canções inspira :
Assopra no clarim , que apenas sôa ,
Enche de assombro a terra !
Naquelle , a cujo som cantou Homero ,
Cantou Virgilio a Guerra.

Busquemos , ó Musa ,
Empreza maior ;

Deixemos as ternas
Fadigas de Amor.

Eu já não vejo as graças , de que fórma
Cupido o seu thesouro ;
Vivos olhos , e faces côr da neve ,
Com crespos fios de ouro :
Meus olhos só vêm gramas , e loureiros ;
Vêm carvalhos , e palmas ;
Vêm os ramos honrosos , que distinguem
As vencedoras almas.

Busquemos , ó Musa ,
Empreza maior ;
Deixemos as ternas
Fadigas de Amor.

Cantemos o Heróe , que já no berço
As serpes despedaça ;
Que fére os Cácos , que destronca as hydras ;
Mais os leões , que abraça .
Cantemos , se isto he pouco , a dura guerra
Dos Titães , e Tyfeos ,
Que arrancão as montanhas , e atrevidos
Levão armas aos Ceos .

Busquemos , ó Musa ,

Empreza maior ;
Deixemos as ternas
Fadigas de Amor.

Anima pois , ó Musa , o instrumento ;
Que a voz também levanto ,
Porém tu déste muito acima o ponto ,
Dirceo não pôde tanto :
Abaixa , minha Musa , o tom , qu'ergueste ;
Eu já , eu já te sigo.
Mas , ah ! vou a dizer *Heróe* , e *Guerra* ,
E só *Marília* digo.

Deixemos , ó Musa ,
Empreza maior ;
Só posso seguir-te
Cantando de Amor.

Feres as cordas d'ouro ? Ah ! sim , agora
Meu canto já se afina :
E a humana voz parece que ao som dellas
Se faz também divina.
O mesmo , que cercou de muro a Thebas ;
Não canta assim tão terno ;
Nem pôde competir comigo aquelle ,
Que desceo ao negro Inferno.

Deixemos, ó Musa;
 Empreza maior;
 Só posso seguir-te
 Cantando de Amor.

Mal repito *Marilia*, as doces aves
 Mostrão signaes de espanto;
 Erguem os collos, voltão as cabeças;
 Parão o ledo canto:
 Move-se o tronco, o vento se suspende;
 Pasma o gado, e não come:
 Quanto pódem meus versos! Quanto póde
 Só de Marilia o nome!

Deixemos, ó Musa;
 Empreza maior,
 Só posso seguir-te
 Cantando de Amor.



L Y R A XII.

Topei hum dia
 Ao Deos vendado,
 Que descuidado
 Não tinha as setas
 Na impia mão.

Mal o conheço ;
Me sóbe logo
Ao rosto o fogo ,
Que a raiva accendô
No coração.

Morre , tyranno ;
Morre , inimigo :
Mal isto digo ,
Raivoso o apêrto
Nos braços meus.

Tanto que o moço
Sente apertar-se ,
Para salvar-se ,
Tambem me aperta
Nos braços seus.

O leve corpo
Ao ar levanto ;
Ah ! e com quanto
Impulso o trago
Do ar ao chão !

Pôde suster-se
A vez primeira ;
Mas á terceira
Nos pés , que alarga ,
Se firma em vão.

Mal o derrubo ,
 Ferro aguçado
 No já cansado
 Peito , que arqueja ,
 Mil golpes deo.
 Suou seu corpo ;
 Tremeo gemendo ;
 E a côr perdendo ,
 Batêo as azas ;
 Em fim morreo.

Qual bravo Alcides ;
 Que a hirsuta pelle
 Vestio daquelle
 Grenhoso bruto ,
 A quem matou ;
 Para que próve
 A empreza honrada ;
 C'o a mão manchada
 Recolho as settas ,
 Que me deixou.

Ouvio Marilia
 Que Amor gritava ;
 E como estava
 Visinha ao sitio
 Valer-lhe vem,

Mas quando chega
Espavorida ,
Nem já de vida
O féro monstro
Indício tem.

Então Marilia ,
Que o vê de perto
De pé coberto ,
E todo envolto
No sangue seu ,
 As mãos aperta
No peito brando ,
E afflicta dando
Hum ai , os olhos
Levanta ao Ceo.

Chega-se a elle
Compadecida ;
Lava a ferida
C'o pranto amargo ;
Que derramou.

Então o monstro
Dando hum suspiro ,
Fazendo hum gyro
Co'a baça vista ,
Resuscitou.

Respira a Deosa ;
 E vem o gosto
 Fazer no rosto
 O mesmo effeito ,
 Que fez a dôr.
 Que louca idéa
 Foi , a que tive !
 Em quanto vive
 Marilia bella ,
 Não morre Amor.



L Y R A XIII.

Minha bella Marilia, tudo passa ;
 A sorte deste mundo he mal segura ;
 Se vem depois dos males a ventura ,
 Vem depois dos prazeres a desgraça.
 Estão os mesmos Deoses
 Sujeitos ao poder do impio Fado :
 Apollo já fugio do Ceo brilhante ,
 Já foi Pastor de gado.

A devorante mão da negra Morte
 Acaba de roubar o bem ; que temos ;
 Até na triste campa não podemos

Zombar do braço da inconstante sorte.

Qual fica no sepulcro ;
Que seus avós erguêrão , descansado ;
Qual no campo , e lhe arranca os frios ossos
Ferro do torto arado.

Ah ! em quanto os Destinos impiedosos
Não voltão contra nós a face irada ,
Façamos , sim façamos , doce amada ,
Os nossos breves dias mais ditosos.

Hum coração , que frouxo
A grata posse de seu bem differe ,
A si , Marília , a si proprio rouba ,
E a si proprio fere.

Ornemos nossas testas com as flores ;
E façamos de feno hum brando leito ;
Prendamo-nos , Marília , em laço estreito ;
Gozemos do prazer de sãos Amores.

Sobre as nössas cabeças ,
Sem que o possão deter , o tempo corre ;
E para nós o tempo , que se passa ,
Tambem , Marília , morre.

Com os annos , Marília , o gosto falta ,
E se entorpece o corpo já cansado ;
Triste o velho cordeiro está deitado ,

E o leve filho sempre alegre salta.
 A mesma formosura
 He dote , que só goza a mocidade :
 Rugão-se as faces , o cabello alveja ;
 Mal chega a longa idade.

Que havemos d'esperar , Marilia bella ?
 Que vão passando os florecentes dias ?
 As glorias , que vem tarde , já vem frias ;
 E pôde em fim mudar-se a nossa estrella,
 Ah ! não , minha Marilia ,
 Aproveite-se o tempo , antes que faça
 O estrago de roubar ao corpo as forças ,
 E ao semblante a graça.

~~~~~

L Y R A XIV.

Oh ! quantos riscos ,  
 Marilia bella ,  
 Não atropella  
 Quem cego arrasta  
 Grilhões de Amor !  
 Hum peito forte ,  
 De acordo falto ,  
 Zomba do assalto  
 Do vil traidor.

O amante de Hero  
Da luz guiado ,  
C'o peito ousado  
Na escura noite  
Rompiu o mar.

Se o Hellesponto  
Se encapellava ,  
Ah ! não deixava  
De lhe ir fallar.

Do Cantor Thracio  
A heroicidade  
Esta verdade ,  
Minha Marilia ,  
Prova tambem.

Cheio de esforço  
Vai ao Cocyto  
Buscar afflicto.  
Seu doce bem.

Que acção tão grande  
Nunca intentada !  
Ao pé da entrada  
Já tudo assusta  
O coração :  
Pendentes rochas ;  
Campos adustos ,

Que nem arbustos ;  
Nem hervas dão.

Na funda fralda  
De calvo monte ;  
Corre Acheronte ,  
Rio de ardente  
Mortal licor.

Tem o barqueiro  
Testa enrugada ,  
Vista inflammada ,  
Que mette horror.

Que seguranças !  
Que fechaduras !  
As portas duras  
Não são de lenhos ;  
De ferro são .  
Por tres gargantas ;  
Quando alguem bate ,  
Raivoso late  
O negro cão.

Dentro da cova  
Soão lamentos ;  
E que tormentos  
Não mostra aos olhos .

A escassa luz !  
 Minos a pena  
 Manda se intime  
 Igual ao crime ,  
 Que alli conduz.

Grande penedo  
 Este carrega ;  
 E apenas chega  
 Do monte ao cume ;  
 O faz rolar.

A pedra sempre  
 Ao valle desce ,  
 Sem que elle cesse  
 De a ir buscar.

Nas limpas aguas  
 Habita aquelle :  
 Por cima delle  
 Verdejão ramos ,  
 Que pomos dão.  
 Debalde a bocca  
 Molhar pertende ;  
 Debalde estende  
 Faminta mão.

Tem outro o peito

Despedaçado :  
Monstro esfaimado  
Jámais descansa  
De lho roer.

A roxa carne,  
Que o abutre come,  
Não se consome,  
Torna a crescer.

Mas bem que tudo  
Pavor inspira,  
Tocando a lyra  
Desce ao Averno  
O bom Cantor.

Não se entorpece  
A lingua, e braço ;  
Não treme o passo,  
Não perde a côr.

Ah ! tambem quanto  
Dirceo obrára,  
Se precisára  
Marilia bella  
Do esforço seu !

Rompêra os mares  
C'o peito terno,  
Fôra ao Inferno,  
Subíra ao Ceo,

DE DIRCEO,

43

Aos dois amantes  
De Thracia, e Abydo  
Não deo Cupido  
Do que aos mais todos  
Maior valor.

Por seus vassallos  
Forças reparte,  
Como lhes parte  
Os grãos de Amor.

LYRA XV.

**A** minha bella Marilia  
Tem de seu hum bom thesouro;  
Não he, doce Alceo, formado  
Do buscado  
Metal louro.

He feito de huns alvos dentes;  
He feito de huns olhos bellos,  
De humas faces graciosas,  
De crespos, finos cabellos;  
E de outras graças maiores,  
Que a natureza lhe deo:  
Bens, que valem sobre a terra,  
E que tem valor no Ceo,

Eu posso romper os montes ;  
 Dar ás correntes desvios ,  
 Pôr cercados espaçosos  
 Nos caudosos  
 Turvos rios.

Posso emendar a ventura  
 ganhando astuto a riqueza ;  
 Mas , ah ! caro Alceo , quem pôde  
 ganhar huma só belleza  
 Das bellezas , que Marilia  
 No seu thesouro metteo ?  
 Bens , que valem sobre a terra ;  
 E que tem valor no Ceo.

Da sorte que vive o rico  
 Entre o fausto alegremente ;  
 Vive o guardador do gado  
 Apoucado ,  
 Mas contente.

Beije pois torpe avarento  
 As arcas de barras cheas :  
 Eu não beijo os vis thesouros ;  
 Beijo as douradas cadeas ,  
 Beijo as settas , beijo as armas  
 Com que o cego Amor venceo :  
 Bens , que valem sobre a terra ,  
 E que tem valor no Ceo.

DE DIRCEO.

45

Ama Apollo, e o fero Marte ;  
 Ama, Alceo, o mesmo Jove :  
 Não he, não, a vã riqueza,  
     Sim belleza,  
     Quem os move.

Posto ao lado de Marilia  
 Mais que mortal me contemplo :  
 Deixo os bens, que aos homens cegão,  
 Sigo dos Deoses o exemplo :  
 Amo virtudes, e dotes ;  
 Amo em fim, prezado Alceo,  
 Bens, que valem sobre a terra ;  
 E que tem valor no Ceo.

LYRA XVI.

**M**inha Marilia ;  
 Tu enfadada ?  
 Que mão ousada  
 Perturbar pôde  
 A paz sagrada  
 Do peito teu ?  
     Porém que muito  
 Que irado esteja  
 O teu semblante !  
 Também troveja  
 O claro Ceo.

Eu sei , Marilia ,  
Que outra Pastora  
A toda a hora ,  
Em toda a parte  
Cega namora  
Ao teu Pastor .

Ha sempre fumo  
Aonde ha fogo :  
Assim , Marilia ,  
Ha zelos , logo  
Que existe amor .

Olha , Marilia ;  
Na fonte pura  
A tua alvura ,  
A tua bocca ,  
E a compostura  
Das mais feições .

Quem tem teu rosto  
Ah ! não receia  
Que terno amante  
Solte a cadeia ,  
Quebre os grilhões .

Não anda Laura  
Nestas campinas  
Sem as boninas

No seu cabello ,  
Sem pelles finas  
No seu jubão.

Porém que importa ?

O rico acείο  
Não dá , Marilia ,  
Ao rosto feio  
A perfeição.

Quando appareces  
Na madrugada ,  
Mal embrulhada  
Na larga roupa ,  
E desgrenhada  
Sem fita , ou flor ;

Ah ! que então brilha

A natureza !  
Então se mostra  
Tua belleza  
Inda maior.

O Ceo formoso ;  
Quando alumia  
O Sol de dia ,  
Ou estrellado  
Na noite fria ;  
Parece bem.

## M A R I L I A

Tambem tem graça  
 Quando amanhece ;  
 Até , Marilia ,  
 Quando anoitece  
 Tambem a tem.

Que tens , Marilia ;  
 Que ella suspire !  
 Que ella delire !  
 Que corra os valles !  
 Que os montes gire  
 Louca de amor !

Ella he que sente  
 Esta desdita ;  
 E na repulsa  
 Mais se acredita  
 O teu Pastor.

Quando ha , Marilia,  
 Alguma festa  
 Já na floresta ,  
 ( Falla a verdade )  
 Dança com esta  
 O bom Dirceo ?  
 E se ella o busca ,  
 Vendo buscar-se  
 Não se levanta ,

Não vai sentar-se  
Ao lado teu ?

Quando hum por outro  
Na rua passa ,  
Se ella diz graça ;  
Ou muda o gesto ;  
Esta negaça  
Faz-lhe impressão ?  
Se está fronteira ;  
E brandamente  
Lhe fita os olhos ,  
Não põe prudente  
Os seus no chão ?

Deixa o ciume ,  
Que te desvela :  
Marilia bella ,  
Nunca receies  
Damno daquella  
Que igual não for.  
Que mais desejas ?  
Tens lindo aspecto ;  
Dirceo se alenta  
De puro affecto ,  
De pundonor.

## L Y R A XVII

Não vês aquelle velho respeitavel  
Que á muleta ençostado  
Apenas mal se move , e mal se arrasta ?  
Oh quanto estrago não lhe fez o tempo !  
O tempo arrebatado ,  
Que o mesmo bronze gasta.

Enrugarão-se as faces , e perdêrão  
Seus olhos a viveza ;  
Voltou-se o seu cabello em branca neve :  
Já lhe treme a cabeça , a mão , o queixo ,  
Nem tem huma belleza  
Das bellezas , que teve.

Assim tambem serei , minha Marilia ,  
Daqui a poucos annos ;  
Que o impio tempo para todos corre.  
Os dentes cahirão , e os meus cabellos.  
Ah ! sentirei os damnos ,  
Que evita só quem morre.

Mas sempre passarei huma velhice  
Muito menos penosa.

Não trarei a muleta carregada :  
 Descansarei o já vergado corpo  
 Na tua mão piedosa ,  
 Na tua mão nevada.

Nas frias tardes , em que negra nuvem  
 Os chuveiros não lance ,  
 Irei contigo ao prado florescente :  
 Aqui me buscarás hum sitio ameno ;  
 Onde os membros descanse ,  
 E o brando Sol me aquente.

Apenas me sentar , então movendo  
 Os olhos por aquella  
 Vistosa parte , que ficar fronteira ;  
 Apontando direi : *Alli fallámos ,*  
*-Alli , ó minha bella ,*  
*Te vi a vez primeira.*

Verterão os meus olhos duas fontes ,  
 Nascidas de alegria :  
 Farão teus olhos ternos outro tanto :  
 Então darei , Marilia , frias beijos  
 Na mão formosa , e pia ,  
 Que me limpar o pranto.

Assim irá , Marilia , docemente

Meu corpo supportando  
 Do tempo deshumano a dura guerra.  
 Contento morrerei , por ser Marilia  
 Quem sentida chorando  
 Meus baços olhos cerra.



## L Y R A XVIII.

**E**u , Glauceste , não duvido  
 Ser a tua Eulina amada  
     Pastora formosa ,  
     Pastora engraçada.  
 Vejo a sua côr de rosa ,  
 Vejo o seu olhar divino ,  
 Vejo os seus purpúreos beijos ,  
 Vejo o peito crystallino ;  
 Nem ha cousa , que assemelhe  
 Ao crespo cabello louro.  
 Ah ! que a tua Eulina vale ,  
 Vale hum immenso thesouro !

Ella vence muito , e muito  
 A laranjeira copada ,  
     Estando de flores ,  
     E frutos ornada.  
 He , Glauceste , os teus Amores ;

E nem por outra Pastora ,  
Que menos dotes tivera ,  
Ou que menos bella fora ,  
O meu Glauceste cansára  
As divinas cordas de ouro.  
Ah ! que a tua Eulina vale ,  
Vale hum immenso thesouro !

Sim , Eulina he huma Deosa ;  
Mas anima á formosura  
De huma alma de fera ;  
Ou inda mais dura .

Ah ! quando Dirceo pondera  
Que o seu Glauceste suspira ,  
Perde , perde o soffrimento ,  
E qual enfermo delira !  
Tenha embora brancas faces ;  
Meigos olhos , fios de ouro ,  
A tua Eulina não vale ,  
Não vale immenso thesouro .

O fuzil , que imita a cobra ,  
Tambem aos olhos he bello :  
Mas quando alumea ,  
Tu tremes de vê-lo .

Que importa se mostre chea  
De mil bellezas a ingrata ?

Não se julga formosura  
A formosura , que mata.  
Evita , Glauceste , evita  
O teu estrago , e desdouro ;  
A tua Eulina não vale ,  
Não vale immenso thesouro.

A minha Marilia quanto  
A natureza não deve !  
    Tem divino rosto ,  
    E tem mãos de neve.  
Se mostro na face o gosto ,  
Ri-se Marilia contente :  
Se canto , canta comigo ,  
E apenas triste me sente ,  
Limpa os olhos com as tranças  
Do fino cabello louro.  
A minha Marilia vale ,  
Vale hum immenso thesouro.

## LYRA XIX.

**E**m quanto pasta alegre o manso gado ;  
Minha bella Marilia , nos sentemos  
A sombra deste cedro levantado.  
Hum pouco meditemos  
Na regular belleza ,  
Que em tudo quanto vive , nos descobre  
A sábia Natureza.

Attende , como aquella vacca preta  
O novilhinho seu dos mais separa ,  
E o lambe , em quanto chupa a lisa teta :  
Attende mais , ó cara ,  
Como a ruiva cadella  
Supporta que lhe morda o filho o corpo ,  
E salte em cima della.

Repara , como cheia de ternura  
Entre as azas ao filho essa ave aquenta ,  
Como aquella esgravata a terra dura ,  
E os seus assim sustenta ;  
Como se encoleriza ,  
E salta sem receio a todo o vulto ,  
Que junto delles pisa.

Que gosto não terá a esposa amante ;  
 Quando der ao filhinho o peito brando ;  
 E reflectir então no seu semblante !

Quando , Marilia , quando  
 Disser comsigo : *He esta*  
*De teu querido pai a mesma barba ;*  
*A mesma bocca , e testa.*

Que gosto não terá a mãe , que toca ,  
 Quando o tem nos seus braços , c'o dedinho  
 Nas faces graciosas , e na bocca

Do innocente filhinho !  
 Quando , Marilia bella ,  
 O tenro infante já com risos mudos  
 Começa a conhece-la !

Que prazer não terão os pais ao verem  
 Com as mãis hum dos filhos abraçados ;  
 Jogar outros a luta , outros correrem  
 Nos cordeiros montados !

Que estado de ventura !  
 Que até naquillo , que de pezo serve ,  
 Inspira Amor doçura.

## L Y R A XX.

**E**m huma frondosa  
Roseira se abria  
Hum lindo botão.  
Marilia adorada  
O pé lhe torcia  
Com a branca mão.

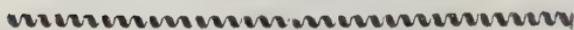
Nas folhas viçosas  
A abelha enraivada  
O corpo escondeo.  
Tocou-lhe Marilia ;  
Na mão descuidada  
A fera mordeo.

Apenas lhe morde ;  
Marilia gritando ,  
C'o dedo fugio.  
Amor , que no bosque  
Estava brincando ,  
Aos ais acudio.

Mal vio a rotura ;  
E o sangue espargido ;

Que a Deosa mostrou ;  
 Risonho beijando  
 O dedo offendido,  
 Assim lhe fallou :

*Se tu por tão pouco  
 O pranto desatas ,  
 Ah! dá-me attenção ;  
 E como daquelle ,  
 Que feres , e matas ;  
 Não tens compaixão ?*



## L Y R A XXI.

**N**ão sei , Marilia , que tenho ;  
 Depois que vi o teu rosto ;  
 Pois quanto não he Marilia ,  
 Já não posso ver com gosto.  
     N'outra idade me alegrava ;  
 Até quando conversava  
 Com o mais rude vaqueiro :  
 Hoje , ó Bella , me aborrece  
 Inda o trato lisonjeiro  
 Do mais discreto pastor.  
 Que effeitos são os que sinto ?  
 Serão effeitos de Amor ?

Sáio da minha cabana  
Sem reparar no que faço ;  
Busco o sitio aonde moras ,  
Suspendo defronte o passo .  
    Fito os olhos na janella ;  
Aonde , Marília bella ,  
Tu chegas ao fim do dia ;  
Se alguém passa , e te saúda ;  
Bem que seja cortezia ,  
Se accende na face a côr .  
Que effeitos são os que sinto ?  
Serão effeitos de Amor ?

Se estou , Marília , contigo ,  
Não tenho hum leve cuidado ;  
Nem me lembra se são horas  
De levar á fonte o gado .

    Se vivo de ti distante ,  
Ao minuto , ao breve instante  
Finge hum dia o meu desgosto :  
Jamais , Pastora , te vejo  
Que em teu semblante composto  
Não veja graça maior .  
Que effeitos são os que sinto ?  
Serão effeitos de Amor ?

Ando já com o juizo ,

Marilia , tão perturbado ,  
Que no mesmo aberto sulco  
Metto de novo o arado.

Aqui no centeio pégo ,  
N'outra parte em vão o ségo :  
Se alguém comigo conversa ,  
Ou não respondo , ou respondo  
N'outra cousa tão diversa ,  
Que nexo não tem menor.  
Que effeitos são os que sinto ?  
Serão effeitos de Amor ?

Se geme o bufo agoureiro ,  
Só Marilia me desvela ,  
Enche-se o peito de magoa ,  
E não sei a causa della.

Mal durmo , Marilia , sonho  
Que fero leão medonho  
Te devora nos meus braços :  
Gela-se o sangue nas veias ,  
E sólto do somno os laços  
À força da immensa dôr.  
Ah ! que os effeitos , que sinto ;  
Só são effeitos de Amor.

## LYRA XXII.

Muito embora , Marilia , muito embora  
Outra belleza , que não seja a tua ,  
Com a vermelha roda , a seis puxada ,  
Faça tremer a rua.

As paredes da sala , aonde habita ,  
Adorne a seda , e o tremó dourado ;  
Pendão largas cortinas , penda o lustre  
Do tecto apainelado.

Tu não habitarás palacios grandes ,  
Nem andarás nos coches voadores ;  
Porém terás hum Vate , que te preze ;  
Que cante os teus louvores.

O tempo não respeita a formosura ;  
E da pallida morte a mão tyranna  
Arrasa os edificios dos Augustos ,  
E arrasa a vil choupana.

Que bellezas , Marilia , florecêrã ;  
De quem nem se quer temos a memoria!

Só pôdem conservar hum nome eterno  
Os versos, ou a historia.

Se não houvesse Tasso, nem Petrarca,  
Por mais que qualquer dellas fosse linda;  
Já não sabia o mundo, se existirão  
Nem Laura, nem Clorinda.

He melhor, minha Bella, ser lembrada  
Por quantos hão de vir sabios humanos,  
Que ter urcos, ter coches, e thesouros,  
Que morrem com os annos.



## L Y R A XXIII.

N'um sitio ameno  
Cheio de rosas,  
De brancos lyrios,  
Murtas viçosas;

Dos seus amores  
Na companhia  
Dir:eo passava  
Alegre o dia.

Em tom de graça

Ao terno amante  
Manda Marilia  
Que toque , e cante.

Péga na lyra ,  
Sem que a tempere ;  
A voz levanta ,  
E as cordas fere.

C'os doces pontos  
A mão atina ,  
E a voz iguala  
A voz divina.

Ella , que teve  
De rir-se a idéa ,  
Nem move os olhos  
De assombro chea :

Então Cupido  
Apparecendo ,  
A Bella falla  
Assim dizendo :

*Do teu amado  
A lyra fias ,  
Só porque delle  
Zombando rias ?*

*Quando n'um peito  
Assento faço,  
Do peito subo  
A lingua , e braço.*

*Nem creias que outro  
Estilo tome,  
Sendo eu o mestre,  
A acção teu nome.*



## L Y R A XXIV.

**E**ncheo , minha Marilia , o grande Jove  
De immensos animaes de toda a especie  
As terras , mais os ares ;  
O grande espaço dos salobros rios,  
Dos negros , fundos mares.  
Para sua defeza,  
A todos deo as armas , que convinha  
A sabia Natureza.

Deo as azas aos passaros ligeiros,  
Deo ao peixe escamoso as barbatanas;  
Deo veneno á serpente,  
Ao membrudo elefante a enorme tromba,  
E ao javali o dente.

Coube ao leão a garra ;  
Com leve pé saltando o cervo foge ;  
E o bravo touro marra .

Ao homem deo as armas do discurso ;  
Que valem muito mais que as outras armas .  
Deo-lhe dedos ligeiros ;  
Que pôdem converter em seu serviço  
Os ferros , e os madeiros ;  
Que tecem fortes laços ,  
E forjão raios , com que aos brutos cortão  
Os vãos , mais os passos .

Às timidas donzellas pertencêrão .  
Outras armas , que tem dobrada força ;  
Deo-lhes a Natureza  
Além do entendimento , além dos braços  
As armas da belleza .  
Só ella ao Ceo se atreve ;  
Só ella mudar pôde o gelo em fogo ;  
Mudar o fogo em neve .

Eu vejo , eu vejo ser a formosura ,  
Quem arrancou da mão de Coriolano  
A cortadora espada .  
Vejo que foi de Helena o lindo rosto ;  
Quem pôz em campo armada

Toda a força da Grecia.  
 E quem tirou o Sceptro aos Reis de Roma ;  
 Só foi , só foi Lucrecia.

Se pôdem lindos rostos , mal suspirão ,  
 O braço desarmar do mesmo Achilles ;  
 Se estes rostos irados

Pôdem soprar o fogo da discordia  
 Em povos alliados ;  
 És árbitra da terra :

Tú pôdes dar , Marilia , a todo o mundo  
 A paz ; e a dura guerra.



## L Y R A XXV.

O cego Cupido hum dia  
 Com os seus Genios fallava  
 Do modo, que lhe restava  
 De captivar a Dirceo.

Depois de larga disputa ,  
 Hum dos Genios mais sagazes  
 Este conselho lhe deo :

As setlas mais aguçadas,  
 Com se em rocha batessem ,

Dão no peito seu , e descem  
Todas quebradas ao chão.

Só as graças de Marília  
Pódem vencer hum tão duro ;  
Tão isento coração.

A fortuna desta empreza  
Consiste em armar-se o laço ,  
Sem que sinta ser o braço ,  
Que lho prepara , de Amor :  
Que elle vive como as aves ,  
Que já deixárão as pennas  
No visco do caçador.

Na força deste conselho  
O raivoso Deos socega ,  
E á tropa a honra entrega  
De o fazer executar.  
Todos pertendem ganha-la ;  
Batem as azas ligeiros ,  
E vão as armas buscar.

Os primeiros se occultárão  
Da Deosa nos olhos bellos :  
Qual se enlaçou nos cabellos ,  
Qual ás faces se prendeo.  
Hum amorinho cansado

Cahio dos labios ao seio ;  
E nos peitos se escondeo.

Outro Genio mais astuto  
Este novo ardil alcança ,  
Muda-se n'uma criança  
De divino parecer.

Esconde as azas , e a venda ;  
Esconde as settas , e quanto  
Póde da-lo a conhecer.

Ella que vê hum menino  
Todo de graças coberto ,  
Tão risonho , e tão esperto  
Alli sózinho brincar ,  
A elle endireita os passos ;  
Finge Amor ter medo , e a Deosa  
Mais se empenha em lhe pegar.

Ella corria chamando ;  
Elle fugia , e chorava :  
Assim forão onde estava  
O descuidado Pastor.

Este , mal vio a belleza ,  
E o gentil menino , entende  
A malicia do traidor.

Põe as mãos sobre os ouvidos ,  
Cerra os olhos , e constante  
Não quer ver o seu semblante ,  
Não o quer ouvir fallar.

Qual Ulysses n'outra idade  
Para illudir as Serêas  
Mandou tambores tocar.

Cupido, que a empreza via ,  
Julga o intento frustrado ,  
E de raiva transportado  
O corpo no chão lançou.  
Traçou a lingua nos dentes ;  
Metteo as unhas no rosto ,  
E os cabellos arrancou.

O Genio , que se escondia  
Entre os peitos da Pastora ,  
Ergueo a cabeça fóra ,  
E o successo conheceo.  
Deixa o socego em que estava ,  
E vai ligeiro metter-se  
No peito do bom Dirceo.

Apenas do brando peito  
Lhe tocou a neve fria ,  
Com o calor , que trazia ,

Lhe abraçou o coração.

Dá o Pastor hum suspiro ;  
Abre os seus olhos , e sólta  
Do apertado ouvido a mão.

Logo que vírão os Genios  
Ao triste Pastor disposto  
Para ver o lindo rosto ,  
Para as palavras ouvir ,  
Cada hum as armas tóma ;  
Cada hum com ellas busca  
Seu terno peito ferir.

Com os cabellos da Deosa  
Lhe fórma hum Cupido laços ;  
Que lhe segurão os braços ,  
Como se fossem grilhões .  
O Pastor já não resiste ;  
Antes beija satisfeito  
As suas doces prizões .

## L Y R A XXVI.

**T**u não verás, Marília, cem cativos  
Tirarem o cascalho, e a rica terra,  
Ou dos cercos dos rios caudalosos,  
Ou da minada serra.

Não verás separar ao habil negro  
Do pezado esmeril a gressa areia,  
E já brilharem os granetes de ouro  
No fundo da batêa.

Não verás derrubar os virgens matos;  
Queimar as capoeiras ainda novas;  
Servir de adubo á terra a fertil cinza;  
Lançar os grãos nas covas.

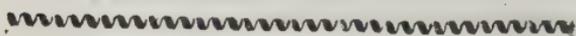
Não verás enrolar negros pacotes  
Das seccas folhas do cheiroso fumo:  
Nem espremer entre as dentadas rodas  
Da doce cana o sumo.

Verás em cima da espaçosa meza  
Altos volumes de enredados feitos;  
Ver-me-hás folhear os grandes livros,  
E decidir os pleitos.

Em quanto revolver os meus consultos ;  
 Tu me farás gostosa companhia ,  
 Lendo os factos da sabia mestra historia ;  
 E os cantos da poesia.

Lerás em alta voz a imagem bella ,  
 Eu vendo que lhe dás o justo apreço ,  
 Gostoso tornarei a ler de novo  
 O cansado processo.

Se encontrares louvada huma belleza ;  
 Marilia , não lhe invejes a ventura ,  
 Que tens quem leve á mais remota idade  
 A tua formosura.



## L Y R A XXVII.

**O** destro Cupido hum dia  
 Extrahio mimosas cores  
 De frescos lyrios , e rosas ,  
 De jasmims , e de outras flores.

Com as mais delgadas pennas  
 Usa de huma , e de outra tinta ,  
 E nos angulos do cobre  
 A quatro bellezas pinta.

Por fazer pensar a todos  
 No seu liso centro escreve  
 Hum letreiro, que pergunta:  
*Este espaço a quem se deve?*

Venus, que vio a pintura,  
 E leo a letra engenhosa,  
 Pôz por baixo, *Eu delle cedo;*  
*Dê-se a Marilia formosa.*

LYRA XXVIII.

Alexandre, Marilia, qual o rio,  
 Que engrossando no inverno tudo arraza,  
 Na frente das cohortes  
 Cerca, vence, abraza  
 As Cidades mais fortes.  
 Foi na gloria das armas o primeiro;  
 Morreo na flor dos annos, e já tinha  
 Vencido o mundo inteiro.

Mas este bom soldado, cujo nome  
 Não ha poder algum, que não abata;  
 Foi, Marilia, sómente  
 Hum ditoso pirata,  
 Hum salteador valente.

Se não tem huma fama baixa, e escura ;  
Foi por se pôr ao lado da injustiça  
A insolente ventura.

O grande Cesar, cujo nome vòa,  
A sua mesma Patria a fé quebranta ;  
Na mão a espada toma,  
Opprime-lhe a garganta,  
Dá Senhores a Roma.

Consegue ser heróe por hum delicto ;  
Se acaso não vencesse, então seria  
Hum vil traidor proscripto.

O ser heróe, Marilia, não consiste  
Em queimar os Imperios : move a guerra,  
Espalha o sangue humano,  
E despovòa a terra  
Tambem o máo tyranno.

Consiste o ser heróe em viver justo :  
E tanto pôde ser heróe o pobre,  
Como o maior Augusto.

Eu he que sou heróe, Marilia bella ;  
Seguindo da virtude a honrosa estrada :  
Ganhei, ganhei hum throno,  
Ah ! não manchei a espada,  
Nào o roubei ao dono,

Ergui-o no teu peito , e nos teus braços :  
E valem muito mais que o mundo inteiro  
Huns tão ditosos laços .

Aos barbaros , injustos vencedores  
Atormentão remorsos , e cuidados ;  
Nem descanso seguros  
Nos palacios cercados  
De tropa , e de altos muros .

E a quantos nos não mostra a sabia historia  
A quem mudou o Fado em negro opprobrio  
A mal ganhada gloria !

Eu vivo , minha Bella , sim , eu vivo  
Nos braços do descanso , e mais do gosto :  
Quando estou acordado  
Contemplo no teu rosto  
De graças adornado :  
Se durmo , logo sonho , e alli te vejo .  
Ah ! nem desperto , nem dormindo sébe  
A mais o meu desejo .

## LYRA XXIX.

**T**u, formosa Marilia, já fizeste  
Com teus olhos ditosas as campinas  
Do turvo ribeirão em que nasceste;  
Deixa, Marilia, agora  
As já lavradas settas:  
Anda afouta romper os grossos mares,  
Anda encher de alegria estranhas terras;  
Ah! que por ti suspirão  
Os meus saudosos lares!

Não corres como Sapho sem ventura,  
Em seguimento de hum cruel ingrato;  
Que não cede aos encantos da ternura;  
Segues hum fino amante,  
Que a perder-te morria.  
Quebra os grilhões do sangue, e vem, ó Bella;  
Tu já foste no Sul a minha guia,  
Ah! deves ser no Norte  
Tambem a minha estrella.

Verás ao Deos Neptuno socegado,  
Aplainar c'o tridente as crespas ondas;

Ficar como dormindo o mar salgado ;  
Verás , verás d'alheta  
Soprar o brando vento ;  
Mover-se o leme , desrinzar-se o linho :  
Seguirem os delfins o movimento ,  
Que leva na carreira  
O empavezado pinho.

Verás como o Leão na proa arfando  
Converte em branca espuma as negras ondas ;  
Que atalha , e corta com murmurio brando ;  
Verás , verás , Marilia ,  
Da janella dourada ,  
Que huma comprida estrada representa  
A limpha crystallina , que pisada  
Pela popa que foge ,  
Em borbotões rebenta.

Bruto peixe verás de corpo immenso  
Tornar ao torto anzol , depois de o terem  
Pela rasgada bocca ao ar suspenso ;  
Os pequenos peixinhos  
Quaes passaros voarem ;  
De toninhas verás o mar coalhado ,  
Ora surgirem , ora mergulharem ,  
Fingindo ao longe as ondas ,  
Que fórma o vento irado.

Verás que o grande monstro se apresenta ;  
 Hum repuxo formando com as aguas ,  
 Que ao ar espalha da robusta venta ;  
     Verás em fim , Marilia ,  
     As nuvens levantadas ,  
 Humas de côr azul , ou mais escuras ,  
 Outras de côr de rosa , ou prateadas ,  
     Fazerem no horizonte  
     Mil diversas figuras.

Mal chegares á foz do claro Tejo ,  
 Apenas elle vir o teu semblante ,  
 Dará no leme do baixel hum beijo.  
     Eu lhe direi vaidoso ,  
     *Não trago , não , comigo ,*  
*Nem pedras de valor , nem montes d'ouro ;*  
*Roubei as aureas minas , e consigo*  
*Trazer para os teus cofres*  
*Este maior Thesouro.*

## LYRA XXX

Cupido tirando  
Dos hombros a aljava  
N'um campo de flores  
Contente brincava.

E o corpo tenrinho  
Depois, enfadado;  
Incauto reclina  
Na relva do prado.

Marilia formosa,  
Que ao Deos conhecia;  
Occulta espreitava  
Quanto elle fazia.

Mal julga que dorme  
Se chega contente,  
As armas lhe furta,  
E o Deos a não sente.

Os Faunos, mal virão  
As armas roubadas,  
Sahirão das grutas  
Soltando rizadas.

Acorda Cupido,  
E a causa sabendo;  
A quantos o insultão  
Responde, dizendo:

*Temieis as sellas  
Nas minhas mãos cruas?  
Vereis o que podem  
Agora nas suas.*



## L Y R A XXXI.

O tyranno Amor risonho  
Me apparece, e me convida  
Para que seu jugo aceite;  
E quer que eu passe em deleite  
O resto da triste vida.

*O sonoro Anacreonte  
(Astuto o moço dizia)  
Já perto da morte estava;  
Inda de amores cantava;  
Por isso alegre vivia.*

*Aos negros, duros pezares  
Não resiste hum peito fraco,*

*Se amor o não fortalece :  
O mesmo Jove carece  
De Cupido , e mais de Baccho.*

*Eu lhe respondo : Perjuro ,  
Nada creio do que dizes ;  
Porque já te fui sujeito ,  
Inda conservo no peito  
Estas frescas cicatrizes.*

*Se o mundo conhece males ,  
Tu os maiores fizeste ,  
Sim , tu a Troya queimaste ,  
Tu a Carthago abrazaste ,  
E tu a Antonio perdeste.*

*Amor , vendo que da offerta  
Algum apreço não faço ,  
Me diz afouto que trate  
De ir com elle a combate  
Peito a peito , braço a braço.*

*Vou buscar as minhas armas ;  
Cinjo primeiro que tudo  
O brilhante arnez , e á pressa  
Ponho hum elmo na cabeça ,  
Tomo a lança , e o grosso escudo.*

Mal no campo me apresento ;  
 Marilia ( oh Ceos ! ) me apparece :  
 Logo que os olhos me fita ;  
 O meu coração palpita ,  
 A minha mão desfalece.

Então me diz o tyranno :  
*Confessa , louco , o teu erro ;*  
*Contra as armas da belleza*  
*Não vale a externa defeza*  
*Dessa armadura de ferro.*

---

 L Y R A XXXII.

**J**unto a huma clara fonte  
 A mãi de Amor se sentou :  
 Encostou na mão o rosto ,  
 No leve somno pegou.

Cupido , que a vio de longe ,  
 Contente ao lugar correo ;  
 Cuidando que era Marilia  
 Na face hum beijo lhe deo.

Acórda Venus irada :  
 Amor a conhece ; e então

Da ousadia , que teve ,  
Assim lhe pede o perdão :

*Foi facil , ó Mãi formosa ,  
Foi facil o engano meu ;  
Que o semblante de Marilia  
He todo o semblante teu.*

LYRA XXXIII.

**M**inha Marilia ,  
Se tens belleza ,  
Da Natureza  
He hum favor.  
Mas se aos vindouros  
Teu nome passa ,  
He só por graça  
Do Deos de amor ,  
Que tanto inflamma  
A mente, o peito  
Do teu Pastor.

Em vão se virão  
Perlas mimosas ,  
Jasmins , e rosas  
No rosto teu.

Em vão terias  
Essas estrellas ;  
E as tranças bellas ;  
Que o Ceo te deo ;  
Se em doce verso  
Não as cantasse  
O bom Dirceo.

O voraz tempo  
Ligeiro corre ;  
Com elle morre  
A perfeição.  
Essa , que o Egypto  
Sábia modera  
De Marco impera  
No coração ;  
Mas já Octavio  
Não senté a força  
Do seu grilhão.

Ah ! vem , ó Bella ,  
E o teu querido ,  
Ao Deos Cupido  
Louvores dar ;  
Pois faz que todos  
Com igual sorte  
Do tempo , e morte

Possão zombar :  
Tu por formosa ,  
E elle , Marilia ,  
Por te cantar .

Mas ai ! Marilia ,  
Que de hum amante ,  
Por mais que cante ,  
Gloria não vem !  
Amor se pinta  
Menino , e cego :  
No doce emprego  
Do caro bem  
Não vê defeitos ,  
E augmenta quantas  
Bellezas tem .

Nenhum dos Vates ,  
Em teu conceito ,  
Nutrio no peito  
Nescia paixão ?  
Todas aquellas ,  
Que vês cantadas ,  
Forão dotadas  
De perfeição ?  
Forão queridas ;  
Porém formosas  
Talvez que não .

Porém que importa  
Não valha nada  
Seres cantada  
Do teu Dirceo?  
Tu tens, Marília,  
Cantor celeste;  
O meu Glauceste  
A voz erguco;  
Irá teu nome  
Aos fins da terra,  
E ao mesmo Ceo.

Quando nas azas  
Do leve vento  
Ao Firmamento  
Teu nome for:  
Mostrando Jove  
Graça extremosa;  
Mudando a Esposa  
De inveja a côr;  
De todos ha-de,  
Voltando o rosto,  
Sorrir-se Amor.

Ah! não se manche  
Teu brando peito  
Do vil defeito

Da ingratição :  
Os versos beija ,  
Gentil Pastora ,  
A penna adora ,  
Respeita a mão ,  
A mão discreta ,  
Que te segura  
A duração.

## L Y R A XXXIV.

N'uma noite socegado  
Velhos papeis revolvía ,  
E por ver de que tratavão  
Hum por hum a todos lia.

Erão copias emendadas ,  
De quantos versos melhores  
Eu compuz na tenra idade  
A meus diversos amores.

Aqui leio justas queixas  
Contra a ventura formadas ,  
Leio excessos mal acceitos ,  
Doces promessas quebradas.

Vendo sem-razões tamanhas  
Eu exclamo transportado :  
*Que finezas tão mal feitas !*  
*Que tempo tão mal passado !*

Junto pois n'um grande monte  
Os soltos papeis , e logo ,  
Porque reliquias não fiquem ,  
Os intento pôr no fogo.

Então vejo que o Deos cego  
Com semblante carregado  
Assim me falla , e crimina  
O meu intento acertado :

*Queres queimar esses versos ?*  
*Dize , Pastor atrevido ,*  
*Essas Lyras não te forão*  
*Inspiradas por Cupido ?*

*Achas que de taes amores*  
*Não deve existir memoria ?*  
*Sepultando esses triunfos ,*  
*Não roubas a minha gloria ?*

Disse Amor ; e mal se cala ,  
Nos seus hombros a mão pondo ,

Com hum semblante sereno  
Assim á queixa respondo :

*Depois, Amor, de me dares  
A minha Marilia bella,  
Devo guardar humas Lyras,  
Que não são em honra della?*

*E que importa, Amor, que importa,  
Que a estes papeis destrua;  
Se he tua esta mão, que os rasga,  
Se a chamma, que os queima, he tua?*

Apenas Amor me escuta  
Mandá que os lance nas brazas;  
E ergue a chamma c'o vento,  
Que formou batendo as azas.

LYRA XXXV.

**E**m cima dos viventes fatigados  
Morfeo as dormideiras espremia;  
Os mentirosos sonhos me cercavão;  
Na vaga fantasia  
Ao vivo me pintavão  
As glorias, que desperto;  
Meu coração pedia.

Eu vou , eu vou subindo a náó possante ;  
Nos braços conduzindo a minha bella ;  
Voltêa a grande roda , e a grossa amarra  
Se enleia em torno della ;  
Já ponho a proa á barra ,  
Já cahe ao som do apito  
Ora huma ; ora outra vela.

Os arvoredos já se não distinguem ;  
A longa praia ao longe não branqueja ;  
E já se vão sumindo os altos montes ,  
Já não ha que se veja  
Nos claros horizontes ,  
Que não sejam vapores ,  
Que Ceo , e mar não seja.

Parece vão correndo as negras aguas ;  
E o pinho qual rochedo estar parado ;  
Ergue-se a onda , vem á náó direita ,  
E quebra no costado ;  
O navio se deita ,  
E ella finge a ladeira  
Sahindo do outro lado.

Vejo nadarem os brilhantes peixes ,  
Cahir do lais a linha que os engana ;  
Hum dourado no anzol está pendente ;

Soffre morte tyranna,  
Entre tanto que a sente,  
Ao tombadilho açouta  
A cauda, e a barbatana.

Sobre as ondas descubro huma carroça  
De formosas conchinhas enfeitada;  
Delfins a movem, e vem Thetis nella;  
Na pôpa está parada;  
Nem pôde a Deosa bella  
Tirar os brandos olhos  
Da minha doce amada.

Nas costas dos golfinhos vem montados  
Os nús Tritões, deixando a esfera cheia  
Com o rouco som dos buzios retorcidos,  
Recreia, sim, recreia  
Meus attentos ouvidos  
O canto sonoro  
Da musica sereia.

Já sobe ao grande mastro o bom gageiro;  
Descobre arrumação, e grita terra;  
A murada caminha alegre a gente;  
Alguns entendem que erra;  
Pelo immovel sómente  
Conheço não ser nuvem,  
Sim o cume d'alta serra,

De Mafra já descubro as grandes torres;  
( E que nova alegria me arrebatá ! )

De Cascaes a muleta já vem perto,  
Já de abordar-nos trata;  
Já o Piloto esperto,  
Inda debaixo manda  
Soltar mezena , e gata.

Eu vou entrando na espaçosa barra ;  
A grossa artilheria já me atroa ;  
Lá ficão Paço d'Arcos , e a Junqueira ;  
Já corre pela proa  
Huma amarra ligeira ;  
E a náó já fica surta  
Diante da grão Lisboa.

Agora , agora sim , agora espero  
Renovar da amizade antigos laços ;  
Eu vejo ao velho Pai , que lentamente  
Arrasta a mim os passos ;  
Ah ! como vem contente ;  
De longe mal me avista  
Já vem abrindo os braços.

Dóbro os joelhos , pelos pés o apérto ;  
E manda que dos pés ao peito passe :  
Marilia , quanto eu fiz , fazer intenta ;

DE DIRCEO.

93

Antes que os pés lhe abrace  
Nos braços a sustenta ;  
Dá-lhe de filha o nome ,  
Beija-lhe a branca face.

Vou a descer a escada , oh Ceos , acordo!  
Conheço não estar nò claro Tejo ;  
Abro os olhos , procuro a minha amada ;  
E nem se quer a vejo.  
Venha a hora afortunada ,  
Em que não fique em sonho  
Tão ardente desejo.

LYRA XXXVI.

Péga na lyra sonora ,  
Péga , meu caro Glauceste ;  
E ferindo as cordas de ouro ;  
Mostra aos rusticos Pastores  
A formosura celeste  
De Marilia , meus amores.

Ah , pinta , pinta  
A minha Bella !  
E em nada a cópia  
Se afaste della.

Que concurso , meu Glauceste ;  
Que concurso tão ditoso !  
Tu és digno de cantares  
O seu semblante divino ;  
E o teu canto sonoro  
Tambem do seu rosto é dino.

Ah , pinta , pinta  
A minha Bella !  
E em nada a cópia  
Se afaste della.

Para pintares ao vivo  
As suas faces mimosas ;  
A discreta Natureza  
Que providencia não teve !  
Creou no jardim as rosas ,  
Fez o lyrio , e fez a neve.

Ah , pinta , pinta  
A minha Bella !  
E em nada a cópia  
Se afaste della.

A pintar as negras tranças  
Peço que mais te desveles ,  
Pinta chusmas de amorinhos  
Pelos seus fios trepando ;  
Huns tecendo cordas delles ,

Outros com elles brincando,

Ah, pinta, pinta  
A minha Bella!  
E em nada a cópia  
Se afaste della.

Para pintares, Glauceste,  
Os seus beiços graciosos,  
Entre as flores tens o cravo,  
Entre as pedras a granada,  
E para os olhos formosos,  
A estrella da madrugada,

Ah, pinta, pinta  
A minha Bella!  
E em nada a cópia  
Se afaste della.

Mal retratares do rosto  
Quanto julgares preciso,  
Não dês a cópia por feita;  
Passa a outros dotes, passa,  
Pinta da vista, e do riso  
A modestia, mais a graça.

Ah! pinta, pinta  
A minha Bella!  
E em nada a cópia  
Se afaste della,

Pinta o garbo de seu rosto  
 Com expressões delicadas ;  
 Os seus pés , quando passeão ,  
 Pizando ternos amores ;  
 E as mesmas plantas calcadas  
 Brotando viçosas flores.

Ah , pinta , pinta  
 A minha Bella !  
 E em nada a cópia  
 Se afaste della.

Pinta mais , prezado amigo ;  
 Hum terno amante beijando  
 Suas douradas cadeias ;  
 E em doce pranto desfeito ,  
 Ao monte , e valle ensinando  
 O nome , que tem no peito.

Ah , pinta , pinta  
 A minha Bella !  
 E em nada a cópia  
 Se afaste della.

Nem suspendas o teu canto ;  
 Inda que , Pastor , se veja :  
 Que a minha bocca suspira ,  
 Que se banha em pranto o rosto ;  
 Que os outros chorão de inveja ,

E chora Dirceo de gosto,  
Ah, pinta, pinta  
A minha Bella!  
E em nada a cópia  
Se afaste della.

## LYRA XXXVII.

Convidou-me a ver seu Templo  
O cego Cupido hum dia;  
Encheo-se de gosto o peito,  
Fiz deste Deos hum conceito,  
Como delle não fazia.

Aqui vejo descórados  
Os ternissimos amantes,  
Entre as cadeias gemerem;  
Vejo nas pyras arderem  
As entranhas palpitantes.

A quem ama, quanto avistas  
(Diz Cupido) não aterra;  
Quem quer cingir o loureiro  
Tambem vai soffrer primeiro  
Todo o trabalho da guerra.

Com tudo, que te dilates  
Neste sitio não convenho ;  
Deixa a estancia lastimosa ,  
Vem ver a sala formosa  
Aonde o meu solio tenho.

Entre n'outro grande Templo ;  
Que perspectiva tão grata !  
Tudo quanto nelle vejo  
Passa além do meu desejo ,  
E o discurso me arrebatá.

He de marmore , e de jaspe  
O soberbo frontispicio ;  
He todo por dentro de ouro ;  
E a hum tão rico thesouro  
Inda excede o artificio.

As janelas não se adornão  
De sedas de finas cores ;  
Em lugar dos cortinados ,  
Estão prezos , e enlaçados  
Festões de mimesas flores.

Em torno da sala augusta  
Ardem dourados brazeiros ,  
Queimão resinas que estalão ,

E postas em fumo exhalão  
Da Panchaya os gratos cheiros.

Ao pé do trono os seus Genios  
Alegres hymnos entoão ;  
Danção as Graças formosas ,  
E aqui as horas gostosas  
Em vez de correrem voão.

Estão sobre o pavimento  
Igualmente reclinados ,  
Nos collos dos seus amores ,  
Os grandes Reis , e os Pastores ,  
De fresças rosas coroados.

Mal o acôrdo restauro ,  
Me diz o moço risonho ,  
Como ainda não reparas  
Em tantas cousas tão raras ,  
De que este Templo componho ?

Sabes a historia de Jove ?  
Aqui tens o manso Touro ,  
Tens o Cisne decantado ,  
A Velha em que foi mudado ,  
Com a grossa chuva de ouro.

Applica , Dirceo , agora  
Os olhos para esta parte ,  
Aqui tens a Lyra d'ouro  
Que ainda estima o Pastor Iouro ;  
É a rede que enlaça a Marte.

Vês este arco destramente  
De branco marfim ornado ?  
À casta Deosa servia ,  
E o perdeu quando dormia  
Do gentil Pastor ao lado.

Vês esta lyra ? com ella  
Tira Orfeo ao bem querido  
Dos Infernos onde estava :  
Vês este farol ? guiava  
Ao meu nadador de Abido :

Vês estas duas espadas  
Ainda de sangue cheas ?  
A Tisbe , e a Dido matarão ;  
E os tortos pulsos ornarão  
De Pyramo , e mais de Eneas.

Sabes quem vai no navio ,  
Que neste mar se levanta ?  
He Theseo. Vês esse pomo ?

He de Cydippe , assim como  
São aquelles de Atalanta

Vê agora estes retratos ,  
Que destros pinceis fizeram ,  
Ah ! que pinturas divinas !  
Todas são das heroínas ,  
Que mais victorias me derão.

Repara nesse semblante ,  
He o semblante de Helena ;  
Lá se avista a Grega armada ,  
E aqui de Troya abrasada  
Se mostra a funesta scena.

Vês est'outra formosura ?  
He a bella Deidamia ;  
Lá tens Achilles ao lado ,  
De huma saia disfarçado ,  
Como com ella vivia.

Cleopatra he quem se segue :  
Alli tens lançando a linha  
Marco Antonio socegado ,  
Ao tempo em que Augusto irado  
Com armada não caminha.

Aqui Hermia se figura ;  
Vê hum Sabiô dos maiores ;  
Qual infame delinquente ,  
Ir desterrado ; sómente  
Por cantar os seus amores.

Este he de Omphale o retrato ;  
Aqui tens (quem o diria ! )  
Ao grande Hercules sentado  
Com as mais damas no estrado ,  
Onde em seu obsequio fia.

Anda agora a est'outra parte ,  
Conheces , Dirceo , aquella ?  
Onde vais , lhe digo , explica ,  
Que bellezã aqui nos fica ,  
Sem fazeres caso della ?

Ergo o rosto , ponho a vista  
Na imagem não explicada ,  
Oh ! quanto he digna de apreço !  
Mal exclamo assim ; conheço  
Ser a minha doce amada.

O coração pelos olhos  
Em terno pranto sahia ,  
E no meu peito saltava ;

Disfarçando amor , olhava  
Para mim a furto , e ria.

Depois de passado tempo ,  
A mim se chega , e me abala ;  
Desperto de tanto assombro ;  
Elle bate no meu hombro ,  
E assim affavel me falla :

Sim , caro Dirceo , he esta  
A divina formosura ,  
Que te destina Cupido ;  
Aqui tens o laço ordido  
Da tua immortal ventura.

Hum Numen , Dirceo , hum Numen ,  
Que os trabalhos de hum humano  
Desta sorte felicita ,  
Não he como se acredita ,  
Não he hum Numen tyranno.

Olha se a cega Fortuna ,  
De tudo quanto se cria ,  
Ou nos mares , ou na terra ,  
Em seus thesouros encerra  
Outro bem de mais valia ?

Lizas faces côr de rosa ,  
Branços dentes , olhos bellos ;  
Lindos beiços encarnados ,  
Pescoço , e peitos nevados ,  
Negros , e finos cabellos ,

Não valem mais que cingires ,  
Com braço de sangue immundo ,  
Na cabeça o verde louro ?  
Do que teres montes de ouro ?  
Do que dares leis ao mundo ?

Ah ! ensina , sim , ensina  
Ao vil mortal atrevido ,  
E ao peito que adora terno ;  
Que tem , para hum o Inferno ;  
Para outro hum Ceo , Cupido.

Ao resto Amor me convida ,  
Eu chorando a mão lhe beijo ;  
E lhe digo : Amor , perdoa  
Não seguir-te ; pois não voa  
A ver mais o meu desejo.

FIM DA PARTE I.

MARILIA  
DE  
DIRCEO.

~~~~~  
PARTE II.
~~~~~

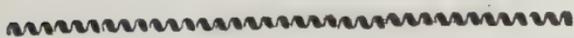
THE  
ANNALS  
OF  
THE  
D. D. C. C. O.

RPJCS

# MARILIA

DE

# DIRCEO.



## LYRA I.

Já não cinjo de louro a minha testa,  
Nem sonoras canções o Deos me inspira :

Ah ! que nem me resta  
Huma já quebrada ,  
Mal-sonora Lyra !

Mas neste mesmo estado , em que me vejo,  
Pedê , Marilia , Amor que vá cantar-te :

Cumpro o seu desejo ;  
E ao que resta suppra  
A paixão , e a arte.

A fumaça , Marilia , da candêa ,  
Que a molhada parede ou suja , ou pinta ;  
Bem que tesca , e fêa ,

Agora me póde  
Ministrar a tinta.

Aos mais preparos o discurso apronta :  
Elle me diz , que faça no pé de huma  
    Má laranja ponta ,  
    E delle me sirva  
    Em lugar de pluma.

Perder as uteis horas não , não devo ;  
Verás , Marilia , huma idéa nova :  
    Sim , eu já te escrevo ,  
    Do que esta alma dicta  
    Quanto amor approva.

Quem vive no regaço da ventura  
Nada obra em te adorar , que assombro faça :  
    Mostra mais ternura  
    Quem te estima , e morre  
    Nas mãos da desgraça.

Nesta cruel masmorra tenebrosa  
Ainda vendo estou teus olhos bellos ,  
    A testa formosa ,  
    Os dentes nevados ,  
    Os negros cabellos.

Vejo , Marilia , sim , e vejo ainda  
A chusma dos Cupidos , que pendentos  
Dessa bocca linda ,  
Nos ares espalhão  
Suspiros ardentes.

Se alguém me perguntar onde eu te vejo ,  
Responderei : *No peito* , que huns Amores  
De casto desejo  
Aqui te pintarão ,  
E são bons Pintores.

Mal meus olhos te virão , ah ! nessa hora  
Teu Retrato fizerão , e tão forte ,  
Que entendo , que agora  
Só póde apaga-lo  
O pulso da Morte.

Isto escrevia , quando , ó Ceos , que vejo !  
Descubro a lér-me os versos o Deos louro :  
Ah ! dá-lhes hum beijo ,  
E diz-me que valem  
Mais que letras de ouro.

## L Y R A II.

**M**orri, ó minha Bella :  
 Não foi a Parca impía ,  
 Que na tremenda roca ,  
 Sem ter descanso , fia ;  
 Não foi , digo , não foi a Morte fêa ,  
 Quem o ferro moveo , e abriu no peito  
 A palpitante véa .

Eu , Marilia , respiro ;  
 Mas o mal , que supporto ,  
 He tão tyranno , e forte ,  
 Que já me dou por morto :  
 A insolente calúnia depravada  
 Ergueo-se contra mim , vibrou da lingua  
 A venenosa espada .

Inda , ó Bella , não vejo  
 Cadafalso enlutado ,  
 Nem de torpe verdugo  
 Braço de ferro armado ;  
 Mas vivo neste mundo , ó sorte impía ,  
 E delle só me mostra a estreita fresta  
 O quando he noite , ou dia .

Olhos baços , e sumidos ,  
Macilento , e descarnado ,  
Barba crescida , e hirsuta ;  
Cabello desgrenhado ;

Ah , que imagem tão digna de piedade !  
Mas he , minha Marilia , como vive  
Hum Réo de Magestade .

Venha o processo , venha ;  
Na innocencia me fundo :

Mas não morrerão outros ,  
Que davão honra ao mundo !

O tormento , minha alma , não recuses :  
A quem sabio cumprio as leis sagradas  
Servem de solio as cruces .

Tu , Marilia , se ouvires ,  
Que ante o teu rosto afflicto  
O meu nome se ultraja  
C'ò supposto delicto ,

Dize sevéra assim em meu abono :

*Não tóma as armas contra hum Sceptro justo  
Alma digna de hum throno :*

## LYRA III.

**E**sprema a vil calunnia muito embora  
Entre as mãos denegridas , e insolentes ,  
Os venenos das plantas ,  
E das bravas serpentes.

Chovão raios e raios , no meu rosto  
Não has de ver , Marília , o medo escrito :  
O medo perturbado ,  
Que infunde o vil delicto.

Pódem muito , conheço , pódem muito ,  
As fúrias infernaes , que Pluto move ;  
Mas póde mais que todas  
Hum dedo só de Jove.

Este Deos converteo em flor mimosa ,  
A quem seu nome derão , a Narciso ;  
Fez de muitos os Astros ,  
Qu'inda no Ceo diviso.

Elle póde livrar-me das injúrias  
Do nescio , do atrevido ingrato povo ;  
Em nova flor mudar-me ,  
Mudar-me em Astro novo.

Porém se os justos Ceos , por fins occultos ,  
 Em tão tyranno mal me não soccorrem ;  
 Verás então , que os sabios ;  
 Bem como vivem , morrem.

Eu tenho hum coração maior que o mundo.  
 Tu, formosa Marilia , bem o sabes ;  
 Hum coração , e basta ,  
 Onde tu mesma cabes.



LYRA IV.

**S**uccede , Marilia bella ;  
 Á medonha noite o dia :  
 A estação chuvosa e fria  
 Á quente secca estação.  
 Muda-se a sorte dos tempos ;  
 Só a minha sorte não ?

Os troncos nas Primaveras  
 Brotão em flores viçosos ;  
 Nos Invernos escabrosos ;  
 Largão as folhas no chão.  
 Muda-se a sorte dos troncos ;  
 Só a minha sorte não ?

Aos brutos, Marilia, cortão  
Armadas redes os passos,  
Rompem depois os seus laços,  
Fogem da dura prisão.  
Muda-se a sorte dos brutos;  
Só a minha sorte não?

Nenhum dos homens conserva  
Alegre sempre o seu rosto;  
Depois das penas vem gosto,  
Depois do gosto afflicção.  
Muda-se a sorte dos homens;  
Só a minha sorte não?

Aos altos Deoses movêrão  
Soberbos Gigantes guerra;  
No mais tempo o Ceo, e a Terra  
Lhes tributa adoração.  
Muda-se a sorte dos Deoses;  
Só a minha sorte não?

Ha de, Marilia, mudar-se  
Do destino a inclemencia;  
Tenho por mim a innocencia,  
Tenho por mim a razão.  
Muda-se a sorte de tudo;  
Só a minha sorte não?

O tempo, ó Bella, que gasta  
Os troncos, pedras, e o cobre,  
O véo rompe, com que encobre  
Á verdade a vil traição.

Muda-se a sorte de tudo;  
Só a minha sorte não?

Qual eu sou, verá o mundo;  
Mais me dará do que eu tinha,  
Tornarei a ver-te minha:

Que feliz consolação!

Não ha de tudo mudar-se,  
Só a minha sorte não.

---

L Y R A V.

Já, já me vai, Marilia, branquejando  
Louro cabelo, que circula a testa;  
Este mesmo, que alveja, vai cahindo,  
E pouco já me resta.

As faces vão perdendo as vivas côres,  
E vão-se sobre os ossos enrugando,  
Vai fugindo a viveza dos meus olhos;  
Tudo se vai mudando.

Se quero levantar-me , as costas vergão ;  
As forças dos meus membros já se gastão ;  
Vou a dar pela casa huns curtos passos ,  
Pesão-me os pés , e arrastão.

Se algum dia me vires desta sorte ;  
Vê que assim me não pôz a mão dos annos ;  
Os trabalhos , Marilia , os sentimentos ,  
Fazem os mesmos damnos.

Mal te vir , me dará em poucos dias  
A minha mocidade o doce gôsto ;  
Verás butnir-se a pelle , o corpo encher-se ;  
Voltar a côr ao rosto.

No calmoso Verão as plantas seccão ;  
Na Primavera , que aos mortaes encanta ;  
Apenas cae do Ceo o fresco orvalho ,  
Verdeja logo a planta.

A doença deforma a quem padece ;  
Mas logo que a doença faz seu termo ;  
Torna , Marilia , a ser quem era d'antes ;  
O definhado enfermo.

Suppõe-me qual doente , ou qual a planta ;  
No meio da desgraça , que me altera :

Eu tambem te supponho qual saude ,  
Ou qual a Primavera.

Se dão esses teus meigos , vivos olhos  
Aos mesmos Astros luz , e vida ás flores ,  
Que effeitos não farão , em quem por elles  
Sempre morreo de amores ?

LYRA VI.

Os mares , minha Bella , não se movem ;  
O brando Norte assopra , nem diviso  
Huma nuvem se-quer na Esfera toda ;  
O destro Nauta aqui não he preciso ;  
Eu só conduzo a náó , eu só modero  
Do seu governo a roda.

Mas ah ! que o Sul carrega , o mar se empola ;  
Rasga-se a vela , o mastaréo se parte !  
Qualquer varão prudente aqui já teme ;  
Não tenho a necessaria força , e arte.  
Corra o sabio Piloto , corra , e venha  
Reger o duro leme.

Como succede á náó no mar , succede  
Aos homens na ventura , e na desgraça ;

Basta ao feliz não ter total demencia ;  
Mas quem de venturoso a triste passa ,  
Deve entregar o leme do discurso  
Nas mãos da sã prudencia.

Todo o Ceo se cobrio , os raios chovem ;  
E esta alma , em tanta pena consternada ,  
Nem sabe aonde possa achar conforto.  
Ah ! não , não tardes , vem , Marilia amada ,  
Toma o leme da náó , marêa o panno ,  
Vai-a salvar no porto.

Mas ouço já de Amor as sabias vozes :  
Elle me diz que soffra , senão morro ;  
E perco então , se morro , huns doces laços ,  
Não quero já , Marilia , mais soccorro ;  
Oh ditoso soffrer , que lucrar póde  
A gloria dos teus braços !

LYRA VII.

Vou-me , ó Bella , deitar na dura cama ;  
 De que nem se-quer sou o pobre dono :  
 Estende sobre mim Morfeo as azas ,  
 E vem ligeiro o sono.

Os sonhos , que rodeão a tarimba ,  
 Mil cousas vão pintar na minha idéa ;  
 Não pintão cadafalsos , não , não pintão  
 Nenhuma imagem fêa.

Pintão que estou bordando hum teu vestido ;  
 Que hum menino com azas , cégo , e louro ,  
 Me enfia nas agulhas o delgado ,  
 O brando fio de ouro.

Pintão que entrando vou na grande Igreja ;  
 Pintão que as mãos nos damos , e aqui vejo  
 Subir-te á branca face a côr mimosa ,  
 A viva côr do pejo.

Pintão que nos conduz dourada sege  
 Á nossa habitação ; que mil Amores  
 Desfolhã sobre o leito as molles folhas  
 Das mais cheirosas flores.

Pintão que desta terra nos partimos ;  
Que os amigos saudosos , e suspensos  
Apertão nos inchados , roxos olhos  
Os já molhados lenços.

Pintão que os mares sulco da Bahia ;  
Onde passei a flor da minha idade :  
Que descubro as palmeiras, e em dois bairros  
Partida a grão Cidade.

Pintão leve escalér , e que na prancha  
O braço já te off'reço reverente ;  
Que te aponta c'ó dedo , mal te avista ;  
Amontoada gente.

Aqui , *álerta* , grita o máo soldado ;  
E o outro , *álerta estou* , lhe diz gritando :  
Acórdo com a bulha , então conheço ,  
Que estava aqui sonhando.

Se o meu crime não fosse só de amores ;  
A ver-me delinquente , réo de morte ,  
Não sonhára , Marília , só contigo ,  
Sonhára de outra sorte.

## LYRA VIII.

De que te queixas ;  
Lingua importuna ?  
De que a Fortuna  
Roubar-te queira  
O que te deo ?  
Este foi sempre  
O genio seu.

Levou , Marilia ,  
A impia sorte  
Catões á morte ;  
Nem sepultura  
Lhes concedeo.  
Este foi sempre  
O genio seu.

A outros muitos ,  
Que vis nascêrão ,  
Nem merecêrão ,  
A grandes thronos  
A impia ergueo.  
Este foi sempre  
O genio seu.

Espalha a cega  
Sobre os humanos  
Os bens , e os damnos ,  
E a quem se devão  
Nunca escolheo.  
Este foi sempre  
O genio seu.

A quanto he justo  
Jámais se dobra ;  
Nem igual obra  
C'os mesmos Deoses  
Do claro Ceo.  
Este foi sempre  
O genio seu.

Sóbe ao Ceo Venus  
N'um carro ufano ;  
E cae Vulcano  
Da pura esfera ,  
Em que nasceo.  
Este foi sempre  
O genio seu.

Mas não me rouba ,  
Bem que se mude ,  
Honra , e virtude :

Que o mais he della,  
 Mas isto he meu.  
 Este foi sempre  
 O genio seu

---

 LYRA IX.

**M**eu prezado Glauceste,  
 Se fazes o conceito,  
 Que, bem que réo, abrigo  
 A candida virtude no meu peito;  
 Se julgas, digo, que mereço ainda  
 Da tua mão soccorro;  
 Ah! vem dar-mo agora,  
 Agora sim que morro.

Não quero, que montado  
 No Pegaso feroso,  
 Venhas com dura lança  
 Ao monstro infame traspassar raivoso.  
 Deixa que viva a pérfida calúmia,  
 E forje o meu tormento:  
 Com menos, meu Glauceste,  
 Com menos me contento.

Toma a lyra dourada,

E toca hum pouco nella :  
 Levanta a voz celeste  
 Em parte que te escute a minha Bella ;  
 Enche todo o contorno de alegria ;  
 Não soffras , que o desgosto  
 Afogue em pranto amargo  
 O seu divino rosto.

Eu sei , eu sei , Glauceste ,  
 Que hum bom cantor havia ;  
 Que os brutos amansava ;  
 Que os troncos , e os penedos attrahia.  
 De outro destro Cantor tambem affirma  
 A sabia Antiguidade ,  
 Que as muralhas erguêra  
 De hum grande Cidade.

Orfeõ as cordas fere ;  
 O som delgado , e terno  
 Ao Rei Plutão abranda ,  
 E o deixa , que penetre o fundo Averno.  
 Ah ! tu a nenhum cedes , meu Glauceste ,  
 Na lyra , e mais no canto ;  
 Podes fazer prodigios ,  
 Obrar ou mais , ou tanto.

Levanta pois as vozes ;

Que mais , que mais esperas ?  
 Consola hum peito afflicto ;  
 Que he menos ainda , que domar as féras.  
 Com isto me darás no meu tormento  
 Hum doce lenitivo ;  
 Que em quanto a Bella vive ,  
 Tambem , Glauceste , vivo.

## L Y R A X.

**E**u vejo , ó minha Bella , aquelle Numen ,  
 A quem o nome derão de Fortuna ;  
 Pega-me pelo braço ,  
 E com voz importuna  
 Me diz que mova o passo ;  
 Que entre no grande Templo , em que se en-  
 Quanto o destino manda , ( cerra  
 Que ella obre sobre a terra.

Que cousas portentosas nelle encontro !  
 Eu vejo a pobre fundação de Roma ;  
 Vejo-a queimar Carthago ;  
 Vejo que as gentes doma ;  
 E vejo o seu estrago.  
 Lá florece o poder do Assyrio Povo ;

Aqui os Médos crescem ,  
E os perde hum braço novo.

Então me diz a Deosa : *E que pertendes ?*  
*Todas estas medalhas vér agora ?*

*Ah ! não , não sejas louco !*

*Espaço de annos fôra*

*Para isso ainda pouco :*

*Deixa estranhos successos , vem comigo ;*

*Verás quanto inda deve*

*Acontecer contigo.*

Levou-me aonde estava a minha historia ;  
Que toda me explicou com modo , e arte.

*Tirei-te libras de ouro ,*

*Me diz , e quero dar-te*

*Todo aquelle thesouro.*

*Não suspira por bens hum peito nobre ;*

*Sevéro lhe respondo ,*

*Vivo afeito a ser pobre.*

Aqui me enruga a Deosa irada a testa ,  
E fica sem fallar hum breve espaço.

*Alegra , alegre o rosto ,*

*Prosegue , alli te faço*

*Restituir o posto.*

Respondo em ar de mófa , e tom sereno :

*Conheço-te, Fortuna,  
Posso morrer pequeno.*

*Aqui te dou, me diz, a tua amada:  
Então me banho todo de alegria.*

*Cuidei, me torna a cega,  
Que essa alma não queria  
Nem esta mesma entrega.*

*He esse o bem, respondo, que me move;  
Mas este bem he santo,  
Ven só da mão de Jove.*

*Queria mais fallar; eu insoffrido  
Desta maneira rompo os seus accentos:*

*Basta, Fortuna, basta,  
Estes breves momentos*

*Lá n'outras cousas gasta;*

*Da minha sorte nada mais contemplo!*

*E, chamando Marilia,  
Suspiro, e deixo o Templo,*

## L Y R A X I,

A estas horas  
Eu procurava  
Os meus Amores ;  
Tinhão-me inveja  
Os mais Pastores.

A porta abria ,  
Inda esfregando  
Os olhos bellos ,  
Sem flor , nem fita  
Nos seus cabellos.

Ah ! que assim mesmo  
Sem compostura ,  
He mais formosa ,  
Que a estrella d'alva ;  
Que a fresca rosa.

Mal eu a via ,  
Hum ar mais leve ,  
( Que doce effeito ! )  
Já respirava  
Meu terno peito.

Do cerco apenas  
Soltava o gado ,  
Eu lhe amimava  
Aquella ovelha  
Que mais amava.

Dava-lhe sempre  
No rio , e fonte ,  
No prado , e selva ,  
Agua mais clara ,  
Mais branda relva.

No collo a punha ;  
Então brincando  
A mim a unia ;  
Mil cousas ternas  
Aqui dizia.

Marilia vendo ,  
Que eu só com ella  
He que fallava ,  
Ria-se a furto ,  
E disfarçava.

Desta maneira  
Nos castos peitos ,  
De dia em dia

A nossa chamma  
Mais se accendia.

Ah ! quantas vezes  
No chão sentado ,  
Eu lhe lavrava  
As finas rócas ,  
Em que fiava !

Da mesma sorte  
Que á sua amada ,  
Que está no ninho ,  
Fronteiro canta  
O passarinho :

Na quente sésta ,  
Della defronte ,  
Eu me entretinha  
Movendo o ferro  
Da sanfoninha.

Ella por dar-me  
De ouvir o gosto ,  
Mais se chegava ;  
Então vaidoso  
Assim cantava :

*Não ha Pastora ,  
Que chegar possa  
A minha Bella ,  
Nem quem me iguale  
Tambem na estrella :*

*Se amor concede  
Que eu me recline  
No branco peito ,  
Eu não invejo  
De Jove o leito :*

*Ornãõ seu peito  
As sãs virtudes ,  
Que nos namorãõ ;  
No seu semblante  
As Graças morãõ.*

*Assim vivia :  
Hoje em suspiros  
O canto mudo :  
Assim , Marilia ,  
Se acaba tudo.*

## L Y R A XII.

Se acaso não estou no fundo Averno,  
 Padece, ó minha Bellá, sim padece  
 O peito amante, e terno,  
 As afflicções tyrannas, que aos Precitos  
 Arbitra Rhadamantho em justa pena  
 Dos barbaros delictos.

As Furias infernaes, rangendo os dentes,  
 Com a mão escarnada não me applicão  
 As raivosas serpentes;  
 Mas cercão-me outros monstros mais irados:  
 Mordem-me sem cessar as bravas serpes  
 De mil, e mil cuidados.

Eu não gasto, Marilia, a vida toda  
 Em lançar o penedo da montanha;  
 Ou em mover a roda;  
 Mas tenho ainda mais cruel tormento:  
 Por cousas que me affligem, roda, e gyra  
 Cansado pensamento.

Com retorcidas unhas agarrado  
 As tépidas entranhas não me come

Hum abutre esfaimado ;

Mas sinto de outro monstro a crueldade :

Devora o coração , que mal palpita ,

O abutre da saudade.

Não vejo os pomos , nem as aguas vejo ,

Que de mim se retirão quando busco

Fartar o meu desejo ;

Mas quer , Marilia , o meu destino ingrato

Que lograr-te não possa , estando vendo

Nesta alma o teu retrato.

Estou no Inferno , estou , Marilia bella ;

E n'uma cousa só he mais humana

A minha dura estrella :

Huns não podem mover do Inferno os passos ;

Eu pertendo voar , e voar cedo

À gloria dos teus braços.

## L Y R A XIII.

Arde o velho barril , arde a cabeça ,  
 Em honra de João na larga rua ;  
 O credulo mortal agora indaga  
 Qual seja a sorte sua ?

Eu não tenho alcachofra , que á luz chegue ,  
 E nella orvalhe o Ceo de madrugada ,  
 Para ver se rebentão novas folhas  
 Aonde foi queimada.

Tambem não tenho hum ovo , que despeje  
 Dentro de hum côpo d'agua , e possa nella  
 Fingir palacios grandes , altas torres ,  
 É huma não á véla.

Mas, ah ! em bem me lembre ; eu tenho ouvido  
 Que na bocca hum bochecho d'agua tome ,  
 É atraz de qualquer porta attento esteja ,  
 Até ouvir hum nome.

Que o nome , que primeiro ouvir , he esse  
 O nome , que ha de ter a minha amada :  
 Póde verdade ser ; se for mentira ,  
 Tambem não custa nada.

Vou tudo executar, e de repente  
Ouvi dizer o nome de Filena :  
Despejo logo a bocca : ah ! não sei como  
Não morro alli de pena !

Apparece Cupido : então soltando  
Em ar de zombaria huma risada ,  
*E que tal , me pergunta , esteve a peça ?*  
*Não foi bem pregada ?*

*Eu já te disse , que Marilia he tua :*  
*Tu fazes do meu dito tanta conta ,*  
*Que vais acreditar o que te ensina*  
*Velha mulher já tonta.*

Humilde lhe respondo : *Quem debaixo*  
*Do açoitado da Fortuna afflicto geme ,*  
*Nas mesmas cousas , que só são brinquedos ,*  
*Se agourão males , e teme.*

## L Y R A XIV.

Ah! Marilia, que tormento  
 Não tens de sentir saudososa!  
 Não podem ver os teus olhos  
 A campina deleitosa,  
 Nem a tua mesma aldéa,  
 Que tyrannos não proponhão  
 A inda inquieta idéa  
 Huma imagem de afflicção.  
 Mandarás aos surdos Deoses  
 Novos suspiros em vão.

Quando levares, Marilia,  
 Teu ledo rebanho ao prado,  
 Tu dirás: *Aqui trazia*  
*Dirceo tambem o seu gado.*  
 Verás os sitios ditosos  
 Onde, Marilia, te dava  
 Doces beijos amorosos  
 Nos dedos da branca mão.  
 Mandarás aos surdos Deoses  
 Novos suspiros em vão,

Quando á janela sahires,

Sem querereres , descuidada ,  
Tu verás , Marília , a minha ,  
A minha pobre morada .

Tu dirás então comigo :

*Alli Dirceo esperava*

*Para me levar consigo ;*

*E alli soffreo a prizão .*

Mandarás aos surdos Deoses

Novos suspiros em vão .

Quando vires igualmente  
Do caro Glauceste a choça ,  
Onde alegre se juntavão

Os poucos da escolha nossa ,

Pondo os olhos na varanda

Tu dirás de mágoa chéa :

*Todo o congresso alli anda ,*

*Só o meu amado não .*

Mandarás aos surdos Deoses

Novos suspiros em vão .

Quando passar pela rua  
O meu companheiro honrado ,

Sem que me vejas com elle

Caminhar emparelhado ,

Tu dirás ; *Não foi tyranna*

*Sómente comigo a sorte ;*

*Tambem cortou deshumana  
A mais fiel união.*

Mandarás aos surdos Deoses  
Novos suspiros em vão.

N'uma masmorra mettido ,  
Eu não vejo imagens destas ,  
Imagens , que são por certo  
A quem adora funestas.  
Mas se existem separadas  
Dos inchados , roxos olhos ,  
Estão , que he mais , retratadas  
No fundo do coração.

Tambem mando aos surdos Deoses  
Tristes suspiros em vão.



L Y R A XV.

Vês , Marilia , hum cordeiro  
De flores enramado ,  
Como alegre caminha  
A ser sacrificado ?

O Povo para o Templo já concorre :  
A Pyra sacro-santa já se accende :  
O Ministro o fere ; elle bala , e morre.

Vês agora o novillo ,  
 A quem segura o laço ;  
 No chão as mãos espéca ,  
 Nem quer mover hum passo.

Não conhece que sae de hum máo terreno ;  
 Que o forte pulso , que a seguir o arrasta ,  
 O conduz a viver n'um campo ameno.

Ignora o bruto como  
 Lhe dispomos a sorte ;  
 Hum vai forçado á vida ,  
 Vai outro alegre á morte :

Nós temos , minha Bella , igual demencia ;  
 Não sabemos os fins , com que nos move  
 A sábia , occulta Mão da Providencia.

De Jacob ao bom filho  
 Os máos matar quizerão :  
 De conselho mudárão :  
 Como escravo o vendêrão :

José não corre a ser hum servo afflicto :  
 Vai subindo os degrãos , por onde chega  
 A ser hum quasi Rei no grande Egypto,

Quem sabe se o Destino  
 Hoje , ó Bella , me prende ,  
 Só porque nisto de outros

Mais damnos me defende?  
 Póde ainda raiar hum claro dia.  
 Mas quer raie, quer não, ao Ceo adoro;  
 E beijo a santa mão, que assim me guia.

~~~~~

L Y R A XVI.

Alma digna de mil Avós Augustos!
 Tu sentes, tu soluças,
 Ao ver cahir os justos;
 Honras as santas leis da Humanidade:
 E os teus exemplos deve
 Gravar com letras de ouro no seu Templo
 A candida Amizade.

Não he, não he de Heróe huma alma forte,
 Que vê com rosto enxuto
 No seu igual a morte.
 Não he tambem de Heróe hum peito duro,
 Que a sua gloria firma
 Em que lhe não resiste ao ferro, e fogo,
 Nem legião, nem muro.

Oh! quanto ousado Chefe me namora,
 Quando vê a cabeça
 Do bom Pompeo, e chora!

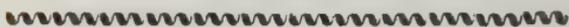
He grande para mim , quem move os passos,
 E de Dario aos filhos ,
 Que como escravos seus tratar pudera ,
 Recebe nos seus braços.

Se alcança Eneas , Capitão piedoso ,
 Entre os Heróes do Mundo
 Hum nome glorioso ,
 Não he , porque levanta huma cidade ;
 He sim , porque nos hombros
 Salvou do incendio ao Pai , a quem detinha
 A mão da longa idade.

Ah ! se ao meu contrario entre as chãmas vira,
 Eu mesmo , sim , da morte
 Aos hombros o remíra :
 Inda por elle muito mais obrára :
 E se nada servisse ,
 Fizera então , Amigo , o que fizeste ;
 Geméra , e suspirára.

Oh ! quanto são duraveis as cadêas
 De huma amizade , quando
 Se dão iguaes idéas !
 Se a pezar dos estorvos se sustinha
 Nossa união sincera ,
 Foi por ser a minha alma igual á tua ,
 E a tua igual á minha.

Se o caro Amigo te merece tanto ,
 Lá lhe fica a sua alma ,
 Limpa-lhe o terno pranto.
 De quem eu fallo , és tu , Marilia bella.
 Ah ! sim , honrado Amigo ,
 Se enxugar não pudeses os seus olhos ,
 Prantea então com ella.



L Y R A XVII.

Se lá te chegarem
 Aos ternos ouvidos
 Huns tristes gemidos ,
 Repara , Marilia ,
 Verás , que são meus.
 Ah ! dá-lhes abrigo ,
 Marilia , nos peitos ;
 Aqui os conserva
 Em laços estreitos ,
 Unidos aos teus.

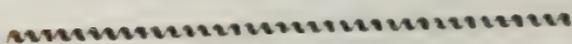
O vento ligeiro ,
 De ouvi-los movido ,
 Os pede a Cupido ,
 Que a todos apanha ,
 É lá toz vai pôr.

Ah ! não os desprezes ,
Porque se conspira
O Ceo em meu damno ,
E a gloria me tira
De honrado Pastor.

Tem estes suspiros
Motivo dobrado :
Perdi o meu gado ;
Perdi , que mais vale ,
O bem de te ver.
Se os não receberes ;
Amante por ora ,
Por serem de hum triste ,
Os deves , Pastora ,
Por honra acolher.

Virá , minha Bella ,
Virá huma idade ,
Que , vista a verdade ,
Gostosa me entregues
O teu coração.
Os crimes deshonorão ,
Se são existentes ;
Os ferros , que opprimem
As mãos innocentes ,
Infames não são.

Chegando este dia ,
 Os braços daremos :
 Então mandaremos
 De gosto , e ternura
 Suspiros aos Ceos.
 Pôr-me-hão no sepulcro
 A honrosa inscripção :
Se teve delicto ,
Só foi a paixão ,
Que a todos faz réos.



L Y R A XVIII.

Eu . Marilia , não fui nenhum Vaqueiro ,
 Fui honrado Pastor da tua Aldêa ;
 Vestia finas lãs . e tinha sempre
 A minha choça do preciso chêa .
 Tirarão-me o casal . e o manso gado ,
 Nem tenho , a que me encôste , hum só cajado .

Para ter que te dar , he que eu queria
 De mor rebanho ainda ser o dono ;
 Prezava o teu semblante , os teus cabellos
 Ainda muito mais que hum grande Throno .
 Agora que te offerte já não vejo
 Além de hum puro amor , de hum são desejo .

Se o rio levantado me causava ,
Levando a sementeira , prejuizo ;
Eu alegre ficava apenas via
Na tua breve bocca hum ar de riso.
Tudo agora perdi ; nem tenho o gosto
De ver-te ao menos compassivo o rosto ;

Propunha-me dormir no teu regaço
As quentes horas da comprida sésta ,
Escrever teus louvores nos olmeiros ,
Toucar-te de papoulas na floresta.
Julgou o justo Ceo , que não convinha ;
Que a tanto gráo subisse a gloria minha.

Ah ! minha Bella , se a Fortuna volta ,
Se o hem , que já perdi , alcanço , e provo ;
Por essas brancas mãos , por essas faces
Te juro renascer hum homem novo ;
Romper a nuvem , que os meus olhos cerra ;
Amar no Ceo a Jove , e a ti na terra.

Fiadas comprarei as ovelhinhas ,
Que pagarei dos poucos do meu ganho ;
E dentro em pouco tempo nos veremos
Senhores outra vez de hum bom rebanho.
Para o contagio lhe não dar , sobeja
Que as afague Marilia , ou só que as veja.

Se não tivermos lãs, e pelles finas ;
Podem mui bem cobrir as carnes nossas
As pelles dos cordeiros mal curtidas ,
E os pannos feitos com as lãs mais grossas.
Mas ao menos será o teu vestido
Por mãos de amor, por minhas mãos cozido.

Nós iremos pescar na quente sésta
Com canas , e com cestos os peixinhos :
Nós iremos caçar nas manhãs frias
Com a vara envisgada os passarinhos.
Para nos divertir faremos quanto
Reputa o varão sabio , honesto , e santo.

Nas noites de serão nos sentaremos
C'os filhos , se os tivermos , á fogueira :
Entré as falsas historias , que contares ,
Lhes contarás a minha verdadeira :
Pasmados te ouvirão ; eu entre tanto
Ainda o rosto banharei de pranto.

Quando passarmos juntos pela rua ,
Nos mostrarão c'ò dedo os mais Pastores ,
Dizendo huns para os outros : *Olha os nossos*
Exemplos da desgraça , e sãoos amores.
Contentes viveremos desta sorte ;
Até que chegue a hum dos dois a morte.

L Y R A XIX.

Vejo, Marilia,
Que o nédio gado
Anda disperso
No monte, e prado;
Que assim succede
Ao desgraçado,
Que a perder chega
O seu Pastor.
Mas inda soffro
A viva dôr.

Tambem conheço,
Que os Pegureiros,
Que apascentavão
Os meus cordeiros,
Darão suspiros,
E verdadeiros;
Porque perdêrão
Hum pai no amor.
Mas inda soffro
A viva dôr.

Eu mais alcanço;
K 2

Que a minha herdade,
Estando eu prezo,
Soffrer não ha-de
Nem a charrua,
E nem a grade;
Que a mão lhe falta
Do Lavrador.
Mas inda soffro
A viva dôr.

Mas quando sóbe
Á minha idéa,
Que tu ficaste
Lá nessa Aldêa,
De mil cuidados
E mágoa cheia,
Das paixões minhas
Não sou senhor.
Eu já não soffro
A viva dôr.

A quanto chega
A pena forte!
Peza-me a vida,
Desejo a morte,
A Jove accuso,
Maldigo a sorte,

Trato a Cupido
 Por hum traidor.
 Eu já não soffro
 A viva dôr.

Mas este excesso
 Perdão merece,
 E delle Jove
 Se compadece :
 Que Jove , ó Bella ,
 Mui bem conhece ,
 Aonde chega
 Paixão de amor.
 Eu já não soffro
 A viva dôr.

 LYRA XX.

Dirceo te deixa , ó Bella ,
 De padecer cansado ;
 Frio suor já banha
 Seu rosto descórado ;
 O sangue já não gyra pela vêa ;
 Seus pulsos já não batem ,
 E a clara luz dos olhos se bacêa :
 A lagrima sentida já lhe corre ;
 Já pára a convulsão , suspira , e morre.

Seu espirito chega
 Onde se pune o erro :
 Late o cão , e se lhe abrem
 Grossos portões de ferro.
 Aos severos Juizes se apresenta ,
 E com sentidas vozes
 Toda a sua tragedia representa :
 Enche-se de ternura , e novo espanto
 O mesmo inexoravel Rhadamantho.

Abre hum pasmado a bocca ,
 E a pedra não despede ;
 Outro já não se lembra
 Da fome , e mais da sede :
 Descansa o curvo bico , e a garra impia
 Negro abutre esfaimado :
 Nem na roca medonha a Parca fia.
 Até as mesmas Furias inclementes
 Deixão cahir das unhas as serpentes.

Já votão os Juizes ;
 E o Rei Plutão lhe ordena
 Deixe o sitio , em que ficão
 Almas dignas de pena.
 Já sahe do escuro Reino , e da memoria
 Lhe passa tudo quanto
 Ou póde dar-lhe mágoa , ou dar-lhe gloria.

Só, bem que o gosto as turvas aguas tome,
Inda, Marília, inda diz teu nome.

Entra já nos Elysios,
Campinas venturosas,
Que mansos rios cortão,
Que cobrem sempre as rosas.

Escuta o canto das sonoras aves,
E bebe as aguas puras,
Que o mel, e do que o leite mais suaves.
Aqui, diz elle, *espero a minha Bella;*
Aqui contente viverei com ella.

Aqui . . . porém aonde
Me leva a dôr activa?
He illusão desta alma;
Jove inda quer que eu viva.

Eu devo sim gozar teus doces laços;
E em paga de meus males,
Devo morrer, Marilha, nos teus braços.
Então eu passarei ao Reino amigo,
E tu irás depois lá ter comigo.

L Y R A XXI.

Não mólho , Marília ;
De pranto a masmorra
Quê o terno Cupido
Não vêe , e não corra ;
A hi-lo apanhar .
Estende-o nas azas ,
Sobre elle suspira ,
Por fim se retira ,
E vai-to levar .

Se o moço não mente ;
Aos tristes gemidos ,
Aos ais lastimosos
Não guardes unidos ;
Marília , c'os teus :
As lagrimas nossas
No seio amontoa ,
Fórma azas , e voa ,
Vai po-las nos Ceos .

A Deosa formosa ,
Que amava aos Troyanos ,
Livra-los querendo

De riscos , e damnos ,
A Jove buscou.
As aguas , que o rosto
Da Deosa banhárão ,
A Jove abrandárão ,
Assim os salvou.

Confia-te , ó Bella ,
Confia-te em Jove ,
Ainda se abranda ,
Ainda se move
Com ancias de amor.
O pranto de Venus ,
Que obrou no Pai tanto ,
Não tem que o teu pranto
Apreço maior.



L Y R A XXII.

Nesta triste masmorra ,
De hum semivivo corpo sepultura,
Inda , Marília, adoro
A tua formosura.
Amor na minha idéa te retrata ;
Busca extremoso , que eu assim resista
A dôr immensa , que me cerca , e mata,

Quando em meu mal pondero ,
 Então mais vivamente te diviso :
 Vejo o teu rosto , e escuto
 A tua voz , e riso .
 Movô ligeiro para o vulto os passos ;
 Eu beijo a tibia luz em vez de face ;
 E apêrto sobre o peito em vão os braços .

Conheço a illusão minha ;
 A violência da mágoa não supporto ;
 Foge-me a vista , e caio ,
 Não sei se vivo , ou morto .
 Enternece-se Amor de estrago tanto ;
 Reclina-me no peito , e com mão terna
 Me limpa os olhos do salgado pranto .

Depois que represento
 Por largo espaço a imagem de hum defunto ,
 Movo os membros , suspiro ,
 E onde estou pergunto .
 Conheço então que amor me tem consigo ;
 Ergo a cabeça , que inda mal sustento ,
 E com doente voz assim lhe digo :

*Se queres ser piedoso ,
 Procura o sitio em que Marília móra ,
 Pinta-lhe o meu estrago ,*

E vê, Amor, se chora.

*Se a lagrimas verter a dor a arrasta,
Huma dellas me traze sobre as pennas,
E para allivio meu só isto basta.*

LYRA XXIII.

Se me víras com teus olhos
Nesta masmorra mettido,
De mil máças funestas,
E cuidados combatido:
Qual seria, ó minha Bella,
Qual seria o teu pezar?

Á força da dôr cedêra,
E nem estaria vivo,
Se o menino Deos vendado,
Extremoso, e compassivo,
Com o nome de Marilia
Não me viesse animar.

Deixo a cama ao romper d'alva;
O meio dia tem dado,
E o cabello ainda fluctua
Pelas costas desgrenhado.
Não tenho valor, não tenho,
Nem para de mim cuidar.

Diz-me Cupido : *E Marilia*
Não estima este cabelo ?
Se o deixas perder de todo ;
Não se ha de enfadar ao vé-lo ?
Suspiro , pego no pente ,
Vou logo o cabelo atar.

Vem hum taboleiro entrando
De varios manjares cheio ;
Põe-se na meza a toalha ,
E en pensativo passeio ;
De todo o comer esfria ,
Sem nelle poder tocar.

Eu entendo que a matar-te ;
Diz amor , *te tens proposto ;*
Fazes bem : terá Marilia
Desgosto sobre desgosto.
Qual enfermo c'o remedio ,
Me afflijo , mas vou jantar.

Chegão as horas , Marilia ,
Em que o Sol já se tem posto ;
Vem-me á memoria que nellas
Vi á janela teu rosto ;
Reclino na mão a face ,
E entro de novo a chorar ,

Diz-me Cupido : *Já basta ,
Já basta , Dirceo , de pranto ;
Em obsequio de Marília
Vai tecer teu doce canto.*
Pendem as fontes dos olhos ,
Mas eu sempre vou cantar.

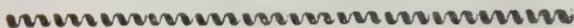
Vem o Forçado accender-me
A velha , suja candêa ;
Fica , Marília , a masmorra
Inda mais triste , e mais fêa.
Nem mais canto , nem mais posso
Huma só palavra dar.

Diz-me Cupido : *São horas
De escrever-se o que está feito ;
Do azeite , e da fumaça
Huma nova tinta ageito ;
Tomo o páo , que penna finge ;
Vou as Lyras copiar,*

Sem que chegue o leve sono ;
Canta o Gallo a vez terceira ;
Eu digo a Amor , que fico
Sem deitar-me a noite inteira :
Faço mimos , e promessas
Para elle me acompanhar ,

Elle diz , que em dormir cuide ,
 Que hei-de ver Marilia em sonho ;
 Não respondo huma palavra ,
 A dura cama componho ,
 Apago a triste candêa ,
 E vou-me logo deitar.

Como pôde a taes cuidados
 Resistir , ó minha Bella ,
 Quem não tem de Amor a graça ;
 Se eu , que vivo á sombra della ,
 Inda vivo desta sorte ,
 Sempre triste a suspirar ?



L Y R A XXIV.

Que diversas que são , Marilia , as horas ;
 Que passo na maasmorra immunda , e fêa ,
 Dessas horas felices , já passadas
 Na tua patria Aldêa !

Então eu me ajuntava com Glauceste ;
 E á sombra de altó Cédro na campina
 Eu versos te compunha , e elle os compunha
 Á sua cara Eulina ,

Cada qual o seu canto aos Astros leva ;
De exceder hum ao outro qualquer trata ;
O écho agora diz : *Marilia ierna ;*
E logo : *Eulina ingrata.*

Deixão os mesmos Sátyros as grutas :
Hum para nós ligeiro move os passos :
Ouve-nos de mais perto , e faz a flauta
C'os pés em mil pedaços.

Dirceo , clama hum Pastor , *ah ! bem merece*
Da candida Marilia a formosura.
E aonde , clama o outro , *quer Eulina*
Achar maior ventura ?

Nenhum Pastor cuidava do rebanho ,
Em quanto em nos durava esta porfia.
E ella , ó minha Amada , só findava
Depois de acabar-se o dia.

À noite te escrevia na cabana
Os versos , que de tarde havia feito ;
Mal tos dava , e os lias , os guardavas
No casto , e branco peito.

Beijando os dedos dessa mão formosa ;
Banhados com as lagrimas do gosto ,

Jurava não cantar mais outras graças ;
Que as graças do teu rosto.

Ainda não quebrei o juramento ,
Eu agora , Marilia , não as canto ;
Mas inda vale mais que os doces versos
A voz do triste pranto.



L Y R A XXV.

Por morto , Marilia ,
Aqui me reputo :
Mil vezes escuto
O som do arrastado ,
E duro grillhão.
Mas , ah ! que não treme ;
Não treme de susto
O meu coração.

A chave lá soa
Na porta segura :
Abre-se a escura ,
Infame masmorra
Da minha prizão.
Mas , ah ! que não treme ,

Não treme de susto
O meu coração.

Já Torres se assenta ;
Carrega-me o rosto ;
Do crime supposto
Com mil artificios
Indaga a razão.
Mas , ah ! que não treme ,
Não treme de susto
O meu coração.

Eu vejo , Marilia ,
A mil innocentes ,
Nas cruzes pudentes
Por falsos delictos ,
Que os homens lhes dão.
Mas , ah ! que não treme ,
Não treme de susto
O meu coração.

Se penso que posso
Perder o gozar-te ,
E a gloria de dar-te
Abraços honestos ,
E beijos na mão.
Marilia , já treme ,
L

Já treme de susto
O meu coração.

Repara , Marilia ,
O quanto he mais forte
Ainda que a morte ,
N'um peito esforçado ,
De amor a paixão.
Marilia , já treme ,
Já treme de susto
O meu coração.

~~~~~  
L Y R A XXVI .

Não praguejes , Marilia , não praguejes  
A justiceira mão , que lança os ferros ;  
Não traz de balde a vingadora espada ;  
Deve punir os erros.

Virtudes de Juiz , virtudes de homem  
As mãos se derão , e em seu peito morão.  
Manda prender ao Réo austeramente a bocca ,  
Porém seus olhos chorão.

Se á innocencia denigre a vil calumnia ,  
Que culpa aquelle tem , que applica a pena ?

Não he o Julgador , he o processo ,  
E a lei , quem nos condemna.

Só no Averno os Juizes não recebem  
Accusação , nem prova de outro humano ;  
Aqui todos confessão suas culpas ,  
Não póde haver engano.

Eu vejo as Furias affligindo aos tristes :  
Huma o fogo chega , outra as serpes move ;  
Todos maldizem sim a sua estrella ,  
Nenhum accusa a Jove.

Eu tambem inda adoro ao grande Chefe ,  
Bem que a prizão me dá , que eu não mereço.  
Qual eu sou , minha Bella , não me trata ,  
Trata-me qual pareço.

Quem suspira , Marilia , quando pune  
Ao vassallo , que julga delinquente ,  
Que gosto não terá , podendo dar-lhe  
As honras de innocente ?

Tu vences , Barbacena , aos mesmos Titos  
Nas sãs virtudes , que no peito abrigas :  
Não honras tamsómente a quem premeias ,  
Honras a quem castigas.

## L Y R A XXVII.

**E**u vou , Marilia , vou brigar co'as feras !  
 Huma soltárão , eu lhe sinto os passos ;  
 Aqui , aqui a espero  
 Nestes despidos braços.

He hum malhado tigre ; a mim já corre ;  
 Ao peito o apêrto , estalão-lhe as costelas ,  
 Desfallece , cahe , urra , treme , e morre.

Vem agora hum Leão : sacode a grenha ,  
 Com faminta paixão a mim se lança ;  
 Venha embora ; que o pulso  
 Ainda não se cansa.

Opprimo-lhe a garganta , a lingua estira ,  
 O corpo lhe fraquea , os olhos inchão ,  
 Açouta o chão convulso , arqueja , e espira.

Mas que vejo , Marilia ! Tu te assustas ?  
 Entendes que os destinos inhumanos  
 Espõem a minha vida  
 No cerco dos Romanos ?

Com ursos , e com onças eu não luto :  
 Luto c'o bravo monstro , que me accusa ,  
 Que os tigres , e leões mais fero , e bruto.

Embora contra mim raivoso esgrima  
 Da vil calumnia a cortadora espada ;  
 Huma alma , qual eu tenho ,  
 Não se recea a nada.  
 Eu hei de , sim , punir-lhe a insolencia ,  
 Pizar-lhe o negro collo , abrir-lhe o peito  
 Co'as armas invenciveis da innocencia.

Ah ! quando imaginar , que vingativo  
 Mando que desça ao Tartaro profundo ,  
 Hei de com mão honrada  
 Erguer-lhe o corpo immundo.  
 Eu então lhe direi : *Infame , indino ,*  
*Obras como costuma o vil humano ;*  
*Faço , o que faz hum coração divino.*

## L Y R A XXVIII.

**M**inha Marilia ;  
 O passarinho ,  
 A quem roubarão  
 Ovos , e ninho ,  
 Mil vezes pousa  
 No seu raminho ;  
 Piando finge  
 Que anda a chorar.

Mas logo voa  
Pela espessura ,  
Nem mais procura  
Este lugar.

Se acaso a vacca  
Perde a vitéla ,  
Tambem nos mostra  
Que se desvéla ;  
O pasto deixa ,  
Muge por ella ,  
Até na estrada  
A vem buscar.

Em poucos dias ,  
Ao que parece ,  
Della se esquece ,  
E vai pastar.

O voraz Tempo ,  
Que o ferro come ,  
Que aos mesmos Reinos  
Devora o nome ;  
Tambem , Marilia ,  
Tambem consome  
Dentro do peito  
Qualquer pezar.

Ah ! só não pôde

Ao meu tormento  
Por hum momento  
Allivio dar.

Tambem , ó Bella,  
Não ha quem viva  
Instantes breves  
Na chamma activa :  
Derrete ao bronze ;  
Sendo excessiva ,  
Ao mesmo seixo  
Faz estalar.

Mas do amianto  
A febra dura  
Na chamma atura  
Sem se queimar.

Tambem , Marilia ,  
Não ha quem negue ,  
Que bem que o fogo  
Nos oleos pegue ,  
Que bem que em linguas ,  
A's nuvens chegue ,  
A força d'agua  
Se ha de apagar.

Se a negra pedra  
Nós accendemos ,

Com agua a vemos  
Mais s'inflamar.

O meu discurso ,  
Marilia , he recto :  
A pena iguala  
Ao meu affecto.  
O amor , que nutro ,  
Ao teu aspecto ;  
E ao teu semblante ,  
He singular.

Ah ! nem o tempo ,  
Nem inda a morte  
A dôr tão forte  
Póde acabar.



## L Y R A XXIX.

Aquelle , a quem fez cégo a natureza ,  
C'o bordão palpa , e aos que vem pergunta ;  
Ainda se despenha muitas vezes ,  
E dous remedios junta !

De ser céga a Fortuna eu não me queixo ;  
Sim me queixo de que má céga seja :

Céga , que nem pergunta , nem apalpa ,  
He porque errar deseja.

A quem não tem virtudes , nem talentos ,  
Ella , Marilia , faz de hum Sceptro dono :  
Cria n'um pobre berço huma alma digna  
De se sentar n'um Trono.

A quem gastar não sabe , nem se anima ,  
Entrega as grossas chaves de hum thesouro ;  
E lança na miseria a quem conhece  
Para que serve o ouro.

A quem fere , a quem rouba , a infame deixa,  
Que atraz do vicio em liberdade corra ;  
Eu honro as leis do Imperio, ella me opprime  
Nesta vil masmorra.

Mas ah ! minha Marilia , que esta queixa  
Co'a solida razão se não coaduna ;  
Como me queixo da Fortuna tanto ,  
Se sei não ha Fortuna ?

Os Fados , os Destinos , essa Deosa ,  
Que os Sabios fingem , que huma roda move,  
He só a occulta mão da Providencia ,  
A sábia mão de Jove.

Nós he que somos cegos , que não vemos  
A que fins nos conduz por estes modos ;  
Por torcidas estradas , ruins veredas  
Caminha ao bem de todos.

Alegre-se o perverso com as ditas ;  
C'o seu merecimento o virtuoso ;  
Parecer desgraçado , ó minha Bella ,  
He muito mais honroso.



## L Y R A XXX.

A minha amada  
He mais formosa ,  
Que branco-lyrio ,  
Dobrada rosa ,  
Que o cinnamomó ,  
Quando matiza  
Co'a folha a flor.  
Venus não chega  
Ao meu Amor.

Vasta campina  
De trigo chã ,  
Quando na sésta  
C'o vento ondea ,

Ao seu cabelo ,  
Quando fluctua ,  
Não he igual.  
Tem a côr negra ,  
Mas quanto val !

Os astros , que andão  
Na esfera pura ,  
Quando scintillão  
Na noite escura ,  
Não são , humanos ,  
Tão lindos como  
Seus olhos são ;  
Que ao Sol excedem  
Na luz , que dão.

Às brancas faces ,  
Ah ! não se atreve  
Jasmim de Italia ,  
Nem inda a neve ,  
Quando a desata  
O Sol brilhante  
Com seu calor .  
São neve , e causão  
No peito ardor .

Na breve bocca

Vejo enlaçadas  
As finas per'las  
Com as granadas ;  
A par dos beiços  
Rubins da India  
Tem preço vil.  
Nelles se agarrão  
Amores mil.

Se não lhe dêsse ,  
Compadecido ,  
Tanto soccorro  
O Deos Cupido ;  
Se não vivêra  
Huma esperança  
No peito seu ;  
Já morto estava  
O bom Dirceo.

Vê quanto póde  
Teu bello rosto ;  
E de goza-lo  
O vivo gosto !  
Que , submergido  
Em hum tormento  
Quasi infernal ,  
Porqu'inda espero ,  
Resisto ao mal.

## L Y R A XXXI.

**D**etem-te , vil humano ;  
Não espremas cicutas  
Para fazer-me damno.

O sumo , que ellas dão , he pouco forte ;  
Procura outras hebidas ,  
Que apressem mais a morte.

Desce ao Reino profundo ,  
Ajunta ahi venenos ,  
Que nunca visse o mundo ;  
Traz o negro licor , que tem nos dentes ,  
Nos dentes retorcidos  
As raivosas serpentes.

Cachopo levantado ,  
Que pôz a natureza  
Dentro no mar salgado ,  
Não se abala no meio da tormenta ;  
Bem que huma onda , e outra onda  
Sobre elle em flor rebenta.

Arvore , que na terra  
As robustas raizes ,

Buscando o centro, aferra,  
 Não teme ao furacão mais violento;  
 E menos, se se deixa  
 Vergar do riço vento.

Sou tronco, e rocha, ó Bella,  
 Que açouta o Sul, que brama,  
 E o mar, que se encapella:  
 Não temas que do rosto a côr se mude:  
 Vence as rochas, e os troncos  
 A sólida Virtude.

A maior desventura  
 He sempre a que nos lança  
 No horror da sepultura:  
 O cobarde a morrer também caminha;  
 Com que males não pôde  
 Huma alma como a minha?

~~~~~

L Y R A XXXII.

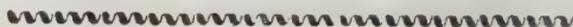
Eu descubro procurar-me
 Gentil mancebo, e louro;
 Trazia a testa adornada
 Com folhas de verde louro.
 Vejo ser o Pai das Musas,
 E me entrega a lyra d'ouro.

*Já basta , me diz , ó filho ,
Já basta de sentimento ;
O cansado peito exige
Hum breve contentamento :
Louva a formosa Marilia
Ao som do meu instrumento.*

Firo as cordas ; mas que importa ?
A dôr não socega em tanto ;
Ergo a voz ; então reparo
Que , quanto mais corre o pranto ,
He mais doce , e mais sonoro
Meu terno , e saudoso canto.

Apollo fitou os olhos
Na mão , que regia o braço ;
E depois de estar suspenso ,
De me ouvir hum largo espaço ,
Assim diz : *O Deos Cupido*
Faz inda mais , do que eu faço.

Eu te dou a minha lyra :
Louva , louva a tua Bella ;
Porém vé que ta concedo
Com condição , e cautella. . . .
Eu lhe cóрто a voz , dizendo ,
Que só canto em honra della.



L Y R A XXXIII.

O Pai das Musas,
O Pastor louro
Deo-me, Marilia,
Para cantar-te
A lyra de ouro.

As cordas firo ;
O brando vento
Teus doles leva
Nas brancas azas
Ao firmamento.

*O teu cabelo
Vale hum thesouro ;
Hum só me adorna
A sábia frente
Melhor que o louro.*

*Nesses teus olhos
Amor assiste ;
Delles faz guerra ;
Ninguem lhe foge,
Ninguem resiste.*

*Algumas vezes
Eu o diviso
Tambem occulto
Nas lindas côvas ,
Que faz teu riso.*

*Nesses teus peitos
Tem os seus ninhos
Destros Amores ;
Nelles se gerão
Os Cupidinhos.*

*Vences a Venus ,
Quando com arte
As armas toma ,
Porque mais prenda
Ao fero Marte.*

*Eu produzia
Estas idéas ,
Quando , Marilia ,
O som escuto
Das vís cadêas.*

*Dou hum suspiro ;
Corre o meu pranto ;
E , inda bebendo*

Lgrimas tristes,
De novo canto :

*Sou da constancia
Hum vivo exemplo :
E vós , ó ferros ,
Honrareis inda
De Amor o Templo.*



L Y R A XXXIV.

Roubou-me, ó minha Amada, a sorte impia
Quanto de meu gozava
N'um só funesto dia :

Honras de maioral, manada grossa,
Fertil, extensa herdade,
Bem reparada choça.

Metteo-me nesta infame sepultura,
Que he sepulcro sem honras,
Breve masmorra, escura.

Aqui, ó minha amada, nem consigo
Venha outro desgraçado
Sentir tambem comigo :

Mas se esta companhia não mereço ,
Os Deoses me dão outra ,
Ainda de mais apreço .

Não he , não , illusão o que te digo ;
Tu mesma me acompanhás ;
Peno , mas he cômigo .

Não vejo as tuas faces graciosas ,
Os teus soltos cabellos ,
As tuas mãos mimosas .

Se eu as visse , infeliz me não dissera ,
Bem que subíra ao Potro ,
Bem que na Cruz pendêra .

Não ouço as tuas vozes magoadas ,
Com ardentes suspiros
Às vezes mal formadas .

Mas vejo , ó cara , as tuas letras bellas ;
Huma por huma beijo ,
E choro então sobre ellas .

Tu me dizes que siga o meu destino ;
Que o teu amor na ausencia
Será leal , e fino .

De novo a carta ao coração apérto ,
De novo a mólha o pranto ,
Que de ternura verto.

Ah ! leve muito embora o duro Fado
A tudo , quanto tenho
Com meu suor ganhado.

Eu juro que dó roubo nem me queixe ,
Com tanto , ó minha cara ,
Que este só bem me deixe.

Que males voluntarios não subirão ,
Os que te amão , sómente
Porque menos te ouvirão ?

Dê pois aos mais seus bens a Deosa céga ;
Que eu tenho aquella gloria ,
Que a mil felices nega.



LYRA XXXV.

Não has de ter horror , minha Marilia ,
 De tocar pulso , que soffreo os ferros ?
 Infames impostores mos lançarão ,
 E não puniveis erros.

Esta mão , esta mão , que ré parece ,
 Ah ! não foi huma vez , não foi só huma ,
 Que em defeza dos bens , que são do Estado ,
 Moveo a sábia pluma.

He certo , minha amada , sim he certo
 Qu'eu aspirava a ser de hum Sceptro o dono ;
 Mas este grande imperio , que eu firmava ,
 Tinha em teu peito o throno.

As forças , que se oppunhão , não batião
 Da grossa peça , e do mosquete os tiros ;
 Só erão minhas armas os soluços ,
 Os rogos , e os suspiros.

De cuidados , desvelos , e finezas
 Formava , ó minha Bella , os meus guerreiros ;

Não tinha no meu campo estranhas tropas ;
Que amor não quer parceiros.

Mas póde ainda vir hum claro dia ,
Em que estas vis algemas , estes laços
Se mudem em prizões de allivio cheas
Nos teus mimosos braços.

Vaidoso então direi : *Eu sou Monarca ;
Dou leis, que he mais, n'um coração divino ;
Solio que ergueo o gosto , e não a força ,
He que he de apreço dino.*



L Y R A XXXVI.

Meu sonoro Passarinho ,
Se sabes do meu tormento ,
E buscas dar-me , cantando ,
Hum doce contentamento ,

Ah ! não cantes , mais não cantes ,
Se me queres ser propicio ;
Eu te dou em que me façás
Muito maior beneficio.

Ergue o corpo , os ares rompe ,

Procura o Porto da Estrella ,
Sobe á serra , e se cansares ,
Descansa n'um tronco della.

Toma de Minas a estrada ,
Na Igreja nova , que fica
Ao direito lado , e segue
Sempre firme a Villa Rica.

Entra nesta grande terra ,
Passa huma formosa ponte ,
Passa a segunda , a terceira
Tem hum palacio defronte.

Elle tem ao pé da porta
Huma rasgada janella ,
He da sala , aonde assiste
A minha Marilia bella.

Para bem a conheceres ,
Eu te dou os sinaes todos
Do seu gesto , do seu talhe ,
Das suas feições , e modos.

O seu semblante he redondo ,
Sobrancelhas arqueadas ,
Negros , e finos cabellos ,
Carnes de neve formadas.

A bocca risonha , e breve ,
Suas faces côr de rosa ,
N'uma palavra , a que vires
Entre todas mais formosa.

Chega então ao seu ouvido ,
Dize , que sou quem te mando ,
Que vivo nesta masmorra ,
Mas sem allivio penando.



L Y R A XXXVII.

Se o vasto mar se encapella ,
E na rocha em flor rebenta ,
Grossa náo , que não tem leme ,
Em vão sustentar-se intenta ;
Até que naufraga , e corre
À discrição da tormenta.

Quem não tem huma belleza ;
Em que ponha o seu cuidado ;
Se o Ceo se cobre de nuvens ,
E se assopra o vento irado ,
Não tem forças , que resistão
Ao impulso do seu fado.

Nesta sombria masmorra ,
Aonde , Marilia , vivo ;
Encosto na mão o rosto ,
Fico ás vezes pensativo .
Ah ! que imagens tão funestas
Me finge o pezar activo .

Parece que vejo a honra ,
Marilia , toda enlutada ;
A face de hum pai rugosa ,
N'um mar de pranto banhada ;
Os amigos macilentos ,
E a familia consternada .

Quero voltar os meus olhos
Para outro diverso lado ;
Vejo n'uma grande praça
Hum theatro levantado ;
Vejo as cruces , vejo os potros ,
Vejo o alfanje afiado .

Hum frio suor me cobre ,
Lassão-se os membros , suspiro ;
Busco allivio ás minhas ancias ,
Não o descubro , deliro .
Já , meu Bem , já me parece ,
Que nas mãos da morte expiro .

Vem-me então ao pensamento
A tua testa nevada ,
Os teus meigos, vivos olhos,
A tua face rosada ,
Os teus dentes crystallinos,
A tua bocca engraçada.

Qual, Marilia, a estrella d'alva,
Que a negra noite afugenta ;
Qual o Sol, que a nevoa espalha
Apenas a terra aquecta ;
Ou qual Iris, que o Ceo limpa,
Quando se vê na tormenta :

Assim, Marilia, destérro
Triste illusão, e demencia ;
Faz de novo o seu officio
A razão, e a prudencia ;
E firmo esperanças doces
Sobre a candida innocencia.

Restauro as forças perdidas,
Sobe a viva côr ao rosto,
Gyra o sangue pela vêa,
E bate o pulso composto :
Vê, Marilia, o quanto pôde
Contra os meus males teu rosto.

LYRA XXXVIII.

Eu vejo aquella Deosa ;
 Astrea pelos Sabios nomeada ;
 Traz nos olhos a venda,
 Balança n'uma mão , na outra espada :
 O vê-la não me causa hum leve abalo,
 Mas antes atrevido ,
 Eu a vou procurar , e assim lhe fallo :

Qual he o povo , dize ,
 Que comigo concorre no attentado ?
 Americano Povo !
 O Povo mais fiel , e mais honrado !
 Tira as Praças das mãos do injusto dono ,
 Elle mesmo as submette
 De novo á sujeição do Luso Throno.

Eu vejo nas historias
 Rendido Pernambuco aos Hollandezes ;
 Eu vejo saqueada
 Esta illustre Cidade dos Francezes ;
 Lá se derrama o sangue Brasileiro ;
 Aqui não basta , suppre
 Das roubadas familias o dinheiro....

Em quanto assim fallava ,
 Mostrava a Deosa não me ouvir com gosto ;
 Punha-me a vista teza ,
 Enrugava o severo , e acceso rosto :
 Não suspendo com tudo no que digo ;
 Sem o menor receio ,
 Faço que a não entendo , e assim prosigo :

Acabou-se , tyranna ,
 A honra , o zelo deste Luso Povo ?
 Não he aquelle mesmo ,
 Que estas acções obrou ; he outro novo ?
 E póde haver direito , que te mova
 A suppor-nos culpados ,
 Quando em nosso favor conspira a prova ?

Ha em Minas hum homem ,
 Ou por seu nascimento , ou seu thesouro ,
 Que aos outros mover possa
 Á força de respeito , á força d'ouro ?
 Os bens de quantos julgas rebellados
 Pódem manter na guerra ,
 Por hum anno se quer , a cem Soldados ?

Amá a gente assisada
 A honra , a vida , o cabedal tão pouco ,
 Que ponha huma acção destas .

Nas mãos d'um pobre, sem respeito, e louco?
 E quando a commissão lhe confiasse,
 Não tinha pobre somma,
 Que por paga, ou esmola lhe mandasse!

Nos limites de Minas,
 A quem se convidasse não havia;
 Hir-se-hião buscar socios
 Na Colonia tambem, ou na Bahia?
 Está voltada a Côrte Brazileira
 Na terra dos Suissos,
 Onde as Potencias vão erguer bandeira?

O mesmo author do insulto
 Mais a riso, do que a terror me move;
 Deo-lhe nesta loucura,
 Podia-se fazer Neptuno, ou Jove.
 A prudencia he trata-lo por demente;
 Ou prende-lo, ou entrega-lo
 Para delle zombar a moça gente.

Aqui, aqui a Deosa,
 Hum extenso suspiro aos ares sólta;
 Repete outro suspiro,
 E sem palavra dar as costas volta.
 Tu te irritas! lhe digo, e quem te offende?
 Ainda nada ouviste
 Do que respeita a mim; socega, attende.

E tinha que ofertar-me
 Hum pequeno , abatido , e novo Estado ,
 Com as armas de fóra ,
 Com as suas proprias armas consternado !
 Achas tambem , que sou tão pouco esperto ,
 Que hum bem tão contingente
 Me obrigasse a perder hum bem já certo ?

Não sou aquelle mesmo ,
 Que a extincção do debito pedia ?
 Já viste levantado
 Quem á sombra da paz alegre ria ?
 Hum direito arriscado eu busco , e feio ,
 E quero que se evite
 Toda a razão do insulto , e todo o meio ?

Não sabes quanto apresso
 Os vagarosos dias da partida ?
 Que a fortuna risonha ,
 A mais formosos campos me convida ?
 Não me uniria , se os houvesse , aos vís traido-
 Daqui nem ouro quero ; (res :
 Quero levar sómente os meus amores .

Eu , ó céga , não tenho
 Hum grosso cabedal dos mais herdado :
 Não o recebi no empregó ,

Não tenho as instrucções d'um bom Soldado.
Far-me-hião os rebeldes o primeiro
No imperio que se erguia
À custa do seu sangue , e seu dinheiro ?

Aqui , aqui de todo
A Deosa se perturba , e mais se altera ;
Morde o seu proprio beijo ;
O sitio deixa , nada mais espera.
Ah ! vai-te , então lhe digo , vai-te embora ;
Melhor , minha Marilia ,
Eu gastasse comtigo mais esta hora.



S O N E T O.

O brei quanto o discurso me guiava ,
Ouvi aos Sabios quando errar temia ;
Aos bons no gabinete o peito abria ,
Na rua a todos como iguaes tratava.

Julgando os crimes nunca os votos dava ,
Mais duro , ou pio do que a Lei pedia ;
Mas devendo salvar ao justo ria ,
E devendo punir ao réo chorava.

Não forão , Villa Rica , os meus projectos
Metter em ferreo cofre copia d'ouro ,
Que farte aos filhos , e que chegue aos ne-
(tos :

Outras são as fortunas , que me agouro ,
Ganhei saudades , acquiri affectos ,
Vou fazer destes bens melhor thesouro.

FIM DA PARTE II.

MARILIA
DE
DIRCEO.

~~~~~  
PARTE III.  
~~~~~

N

PRICE

MARILIA
DE
DIRCEO.

LYRA I.

Como alegre vem nascendo
A serena madrugada !
Já d'aurora a luz dourada
Duvidosa vem raiando.
E tu descansando ,
Marilia formosa ,
Escutar não vens
Minha voz saudosa !

O suave rouxinol
Já desampara o seu ninho ;
E no torcido raminho
Namorado está cantando.
E tu descansando ,
Marilia formosa ,
N 2

Escutar não vens
Minha voz saudosa !

O sollicito Pastor
Lá sae do pobre agasalho ;
E pelo rude trabalho
O descanso vai deixando.
E tu descansando ,
Marilia formosa ,
Escutar não vens
Minha vez saudosa !

Ainda a luz matutina
Co'a noite s'equivocava ;
Já eu , ó Marilia , estava
Pelo teu nome chamando.
E tu descansando ,
Marilia formosa ,
Escutar não vens
Minha voz saudosa !

Não penses que desgostoso ;
Queixas fôrmo contra Amor ;
Mil canções em teu louvor
Brandamente estou cantando.
E tu descansando ,
Marilia formosa ,

Escutar não vens
Minha voz saudosa !

Canto ao som da minha Lyra
Tua rara perfeição,
Com que Amor doura o grilhão,
Que alegre vou arrastando.
E tu descansando,
Marilia formosa,
Escutar não vens
Minha voz saudosa !

Mas que sobressalto ! eu vejo
No prado andar huma Estrella !
Ah ! não, he Marilia bella,
Que para mim vem chegando.
Delicias deixando,
Marilia formosa,
Vem meiga escutar
Minha voz saudosa.

L Y R A II.

N'uma escura gruta,
Funebre, e sombria,
Onde entrar não pôde
Esplendor do dia,
O Mago Sileno
Sósinho habitava;
E nella d'amor
Mysterios sondava.

O terno Dirceo
A este sitio corre:
Dirceo, que d'amores
Por Marília morre.

Eis que ao sitio chega
Que horrores exhala;
Desta sorte ao Mago,
Tremendo lhe falla:
*Oh tu, grão Sileno,
Que á força d'encanto
Tornas em prazer
D'amantes o pranto:*

*Dize-me, se tanto
Poder em ti ha :
A minha Marilia
Constante será?*

*Basta : diz o Mago ;
E sem se deter ,
Em hum livro pega ,
E se pôz a lèr.*

Ossos serpentinos ;
Seccos, e mirrados ,
A arder logo pôe
Feitos em bocados.

Eis que o fogo accende,
Esparge no fumo
D'hervas venenosas
Pestifero sumo.

Tres vezes invoca
D'Erycina o nome,
Em quanto a materia
O fogo consome.

Apenas s'extingue ,
Estrondo s'escuta ;
Que até de temor
Estremece a gruta.

Em nuvem dourada
Amor apparece,
Que com mão mimosa
Huma coroa tece.

*Escuta, Dirceo,
Amante feliz;
Com huma voz divina
Amor então diz :*

*Mais firme, que a rocha
Dos ventos soprada,
Marilia será
Por Dirceo amada.*



L Y R A III.

Leo-se-me em fim a sentença
Pela desgraça firmada ;
Adeos, Marilia adorada,
Vil desterro vou soffrer.
Ausente de ti, Marilia,
Que farei ? irei morrer.

Que vá para longes terras,
Intimarem-me eu ouvi ;

E a pena que então senti ,
Justos Ceos ! não sei dizer.
Ausente de ti , Marilia ,
Que farei ? irei morrer.

Mil penas estou sentindo
Dentro n'alma ; e por negaça
Me está dizendo a desgraça ,
Que nunca mais t'hei de vêr.
Ausente de ti , Marilia ,
Que farei ? irei morrer.

Por deixar os patrios Lares ,
Não me fere o sentimento ;
Porém suspiro , e lamento
Por tão cedo te perder.
Ausente de ti , Marilia ,
Que farei ? irei morrer.

Não são as horas que perco ,
Quem motiva a minha dôr ;
Mas sim ver , que o meu amor
Este fim havia de ter.
Ausente de ti , Marilia ,
Que farei ? irei morrer.

A mão do fado invejoso

Vai quebrando em mil pedaços
 Os doces, suaves laços,
 Com que Amor nos quiz prender.
 Ausente de ti, Marília,
 Que farei ? irei morrer.

Da desgraça a lei fatal
 Póde de ti separar-me ;
 Mas nunca d'alma tirar-me
 A gloria de te querer.
 Ausente de ti, Marília,
 Hei de amar-te até morrer.



L Y R A IV.

Que vezes julga, que morre
 Hum naufragante no mar ;
 E então a sorte o soccorre,
 Levando-o a salvação !
 Só eu na escura prizão,
 Aonde morrendo vivo,
 Não encontro lenitivo
 Na minha dura afflicção.

Lutando com a pobreza,
 Vive o mortal indigente ;

Té que a próvida riqueza
O tira da precisão.

Só eu na escura prizão,
Aonde morrendo vivo,
Não encontro lenitivo
Na minha dura afflicção.

Combatendo o inimigo
Encontra o Soldado a sorte,
Que o livra de todo o p' rigo,
Na mais arriscada acção.

Só eu na escura prizão,
Aonde morrendo vivo,
Não encontro lenitivo
Na minha dura afflicção.

Ao som do pezado ferro
Chora o triste degradado;
Té que o livra do desterro
Huma poderosa mão.

Só eu na escura prizão,
Aonde morrendo vivo,
Não encontro lenitivo
Na minha dura afflicção.

No carcere, ou no degredo,
Na doença, ou na pobreza,

Ou lá mais tarde , ou mais cedo
Todos tem consolação.

Tambem eu nesta prizão ,
Aonde morrendo vivo ,
He Marilia o lenitivo
Na minha dura afflicção.



L Y R A V.

Fulgidas Estrellas
Logo s'amortecem ,
Tanto que apparecem
De Titão os raios.

Tambem se Marilia
Mostra a face pura ,
Toda a formosura
Padece desmaios.
Seu lindo rosto
Encantador
He doce paga
Do meu amor.

LYRA VI.

Vaidosa a Fortuna
Da sua riqueza ,
D'Amor escarnece
A triste pobreza.
Risonha o conduz
A seu Templo , aonde
Immensas riquezas
Dos mortaes esconde;

As portas do Templo
De fino ouro são ;
E em rijos brilhantes
Cravadas estão.
Apenas que as vê
A Deosa potente ,
Qual o relampago ,
Se abrem de repente.

Da parte de dentro
Se vêm tão somente
Safiras , rubins ,
E o metal fulgente.

De hum lado em cofres ,
Que so d'ouro são ,
Corôas , e Sceptros
Fechados estão.

E para outro lado
Espadas , bastões ,
E corôas de louro
Estão aos montões.

Pelo chão sem num'ro
Rólão diamantes ,
Pedras preciosas ,
Metaes rutilantes.

Em eburneo throno ,
Qual outro não ha ,
A Deosa s'assenta
Se no Templo está.

Em fúlgidos vasos
Ante o seu Altar ,
Gommas Nabatheas
Ardem sem cessar.

A Amor com vaidade
A Deosa mostrava
Toda esta riqueza ,
Que em seu Templo estava.

Depois com desdem ,
Sorrindo lhe diz :
*Então , meu menino ,
Es tu tão feliz?*

O terno Cupido
Que de raiva estala ,
A' Deosa voluvel
Desta sorte falla ;
*Se de ouro , nem pedras
Tu vês sou senhor :
Tambem tenho bens
De maior valor.*

Dizendo isto partem
Em vôo despedido
Ao Templo , onde Amor
Se venera em Gnido.

*Agora verás ,
Lhe diz , hum thesouro ,
Que val muito mais ,
Que todo o teu ouro.*
Contente lhe mostra
Marilia engraçada ,
De amantes desejos
Em torno cercada.

M A R I L I A

Eis que a Deosa vê
Marilia formosa ;
Confessa a victoria ,
E foge raivosa.



L Y R A VII.

Em quanto o sordido aváro
No seu thesouro empregado ,
Sem cessar conta o dinheiro
Com mil usuras ganhado ;
Sem jámais descanso ter
Com o receio de o perder :

Em quanto no fragil vaso
Corta o Nauta o salso mar ,
Para de longinquas terras
Os cabedaes transportar ;
Arriscando nesta lida
Co'a riqueza a propria vida :

Em quanto audaz General
Com ataques , e sortidas
Manda á fria Libitina
Com a sua tristes vidas ;

Só para fazer distincto
O seu nome do sangue tinto :

Eu á margem deste rio
Onde o gado a pastar deito ;
De Marilia a doce imagem
Conservo dentro em meu peito :
E ao som da suave Lyra
Canto idéas que amor me inspira.

~~~~~

L Y R A VIII.

**H**um dia que o gado  
No prado guardava,  
Amor me apparece  
Com arco , e aljava.  
No tronco mais verde,  
Que no prado houvesse ,  
Amor me mandou  
Seu nome escrevesse.

Contente parti  
Hum tronco buscar ;  
Para nelle as ordens  
Prompto executar.  
No tronco d'um freixo

Que viçoso vi,  
 Quiz gravar *Amor*,  
 Marilia escrevi.

Tanto que amor vê  
 O engano feliz,  
 O nome beijando  
 Alegre me diz:  
*Não temas, Dirceo,*  
*Não mudes de côr;*  
*Nesse doce nome*  
*Escreveste Amor.*

---

 L Y R A IX.

Como correm brandamente  
 Da noite as horas sombrias!  
 Que manso murmurio fazem  
 Deste rio as aguas frias!  
 A negra tristeza,  
 Que o sitio produz,  
 Minha alma conduz  
 A mil agonias.

As opacas, grossas nuvens,  
 Que do Sul correndo vão,

A furto deixão raiar  
Da Lua o frouxo clarão;  
A pallida luz,  
Que a medo apparece,  
Ah! quanto entristece  
Esta solidão.

Noctivagas aves girão  
Neste lugar pavoroso;  
E quanto he melancolico  
O seu grasnido horroroso!  
Seu funebre Canto,  
Correio d'afflicção,  
Faz meu coração  
Mais triste, e saudoso.

Em busca de infeliz preza,  
Huns com os outros topando,  
Andão carnívoros lobos  
Pelos montes ululando.  
E se acaso passão  
Por estes arbustos,  
Mil gélicos sustos  
Me estão motivando.

Em fim, quanto vejo, e sinto  
Nesta triste solidão,

Tudo está reproduzindo  
 A mais horrída afflicção.  
 Funebres horrores,  
 Que causão espanto,  
 Meu lugubre pranto  
 Prômovendo estão.

Mas se Marília agora  
 Neste horror apparecia,  
 Depressa a noite mudava  
 Mais brilhante do que o dia.  
 Seus olhos formosos,  
 Que mil prizões tecem,  
 Aonde apparecem  
 Tudo he alegria.

---

 L Y R A X.

Á bella Cyth'rea  
 Do rosto claro  
 Lagrimas correm  
 Por ter perdido  
 O filho caro.

Ternos soluços  
 D'alma nascidos

A Deosa exhala ;  
E aos ares sobem  
Com mil gemidos.  
Aos Ceos dirige  
Amarga queixa ;  
E contra o filho  
Que ama , e não vê ,  
Assim se queixa :

Onde te escondes ?  
Porque fugiste ?  
Sem te lembrares  
Venus ficava  
Saudosa , e triste.  
Sem ti Adonis  
Feio parece ;  
Marte sem ti  
Doces encantos  
Me não merece.

Vem a meus braços ;  
Prenda querida ;  
E sem demora  
Vem a meu peito  
Dar nova vida.  
Debalde em Gnido  
Ver-te pensei ;

Em Chypre , e Paphos  
 Da mesma sorte  
 Em vão busquei.

Já que não ouves  
 O meu chamar ,  
 Ao mesmo Averno  
 Se p'ra lá foste  
 Te irei buscar.

Qual veloz setta ,  
 Que o ar sacode ,  
 Venus partio  
 Buscando Amor ,  
 Que achar não póde.

Corre em vão todo  
 Reino da morte ;  
 Té que por fim  
 Junto a Marilia  
 A guia a sorte.

No seu cabelo ,  
 Que tem cahido ,  
 Alegre a Deosa  
 Encontra Amor ,  
 Nelle perdido.

## L Y R A XI.

Ergástulo cruento  
Onde não entra a Aurora!  
Pensas que a sombra tua  
A vida me devora?  
Não penses tal maldade,  
Eu morro de saudade.

Se penses que os teus ferros  
Horribeis, e pezados,  
Me tem os rijos ossos  
Com dores traspassados:  
Não penses tal maldade,  
Eu morro de saudade.

Se penses que a tristeza  
Desta masmorra escura,  
Me leva por momentos  
À fria sepultura:  
Não penses tal maldade,  
Eu morro de saudade.

Se o halito que deitas  
Tu julgas que me empesta:

Se pensas que a matar-me  
Já pouco, ou nada resta :  
    Não penses tal maldade ,  
    Eu morro de saudade.

Se a falta de alimento ,  
Se a trabalhosa lida ,  
Tu pensas que me tirão  
As forças para a vida :  
    Não penses tal maldade ,  
    Eu morro de saudade.

Se a pobre nudez minha  
Tu julgas que me abate ;  
E cuidas que me vence  
Tão rigido combate :  
    Não penses tal maldade ,  
    Eu morro de saudade.

Se pensas que essas Furias ,  
Alectos , e Megéras ,  
Me podem dentro d'alma  
Tirar d'amor as véras :  
    Não penses tal maldade.  
    Eu morro de saudade.

Se pensas que da sorte

O horrído governo  
Me leva a cada passo  
Ao tenebroso Averno:  
Não penses tal maldade,  
Eu morro de saudade.

Já que até agora,  
Horrído canto  
Com turvo pranto  
Soltei ao ar:  
Por ti, Marília,  
Vou suspirar.

Não são os ferros  
Que me atormentão;  
Nem mais augmentão  
Este pezar.  
Por ti, Marília  
Vou suspirar.

Tudo soffrêra,  
Nada sentíra,  
Se aqui te víra  
Neste lugar.  
Por ti, Marília,  
Vou suspirar.

Só com teus olhos,  
Breves instantes,  
Dias brilhantes,  
Me podes dar.  
Por ti, Marília,  
Vou suspirar.

Quando discorro  
Que te não vejo,  
Nem hum bocejo  
Posso formar:  
Por ti, Marília,  
Vou suspirar.

Vencerás tudo  
Quanto me aterra;  
Não temo guerra  
Tendo-te a par:  
Por ti, Marília,  
Vou suspirar.

Estes trabalhos  
Não me dão córte;  
Conduz-me á morte  
Não te gozar.  
Por ti, Marília,  
Vou suspirar.

Mas basta já de canto :  
Ergástulo cruento !  
Bem vês que não me aterra  
Teu horrído tormento.  
Acaba a humanidade ,  
Nas garras da saudade.

Se aqui vier hum dia  
Marilia linda , e bella ,  
A quem minha alma adora ,  
Lhe dize , que por ella  
Acaba a humanidade  
Nas garras da saudade.



## L Y R A XII.

*Fortuna , e Dirceo.*

**D**e Cresso as riquezas  
Te mostro , Dirceo ;  
Se deixas Marilia ,  
Será tudo teu.  
Serás grande Senhor ;  
De nada val amor.

De marmor Marpezio ,

De tectos dourados ,  
Teus grandes palacios  
Serão respeitados.  
Serás grande senhor ;  
De nada val amor.

Em aureás berlindas ,  
Por urcos puxadas ,  
Serás conduzido  
Com armas gravadas.  
Serás grande senhor ;  
De nada val amor.

A pompa luzente  
Da Corte brilhante ,  
Dirceo , por honrar-te  
Terás todo o instante.  
Serás grande senhor ;  
De nada val amor.

Se luxo quizeres ,  
Terás luxo tanto ,  
Que dès aos mais horas  
D'inveja , e de pranto.  
Serás grande senhor ;  
De nada val amor.

Trazer-te-ha nas palmas  
A propria grandeza ;  
Que tudo he sublime  
Aonde ha riqueza.  
Serás grande senhor ;  
De nada val amor.

Se Throno quizeres ,  
Dar-te-hei alto Throno ;  
De terras , e Reinos ,  
Dirceo , serás dono.  
Serás grande senhor ;  
De nada val amor.

Apenas deixares  
Marilia formosa ,  
De tudo o que digo  
Sem dúvida gozas.  
Serás grande senhor ;  
De nada val amor.

*Dirceo.*

Fortuna , que buscas  
Com tantos poderes ?  
Com outros reparte  
Teus grandes haveres.

## M A R I L I A

Não quero ser senhor,  
Mais rico sou d'amor.

A prata burnida  
Por mão delicada  
A frente tão branca  
Não he comparada.  
Não quero ser senhor,  
Mais rico sou d'amor.

Quaes são as safiras,  
Que breves instantes  
Lhe deixem sem lustre  
Seus olhos brilhantes?  
Não quero ser senhor,  
Mais rico sou d'amor.

As rosas mais rubras,  
A côr da açucena,  
Lhe mostram na face,  
Que lucida scena!  
Não quero ser senhor,  
Mais rico sou d'amor.

Na boca formosa,  
Rubis delicados,  
Lhe deixão pequenos

Recintos fechados.  
Não quero ser senhor,  
Mais rico sou d'amor.

Mas ah! que eu não busco,  
Marilia, pintar-te;  
Por outros motivos  
Desejo raivar-te.  
Não quero ser senhor,  
Mais rico sou d'amor,

Se tu podes tanto,  
Fortuna invejosa,  
Porque me não tiras  
Marilia formosa?  
Não quero ser senhor,  
Mais rico sou d'amor.

Marilia he constante,  
Dirceo se desvela,  
Mais bens não desejão  
Nem elle, nem ella.  
Não quero ser senhor,  
Mais rico sou d'amor.

Val tanto Marilia,  
Fortuna cruenta,

Que a seus predicados,  
 Que mais s'accrescenta?  
 Não quero ser senhor,  
 Mais rico sou d'amor.

Se tu por Marília  
 Me dás prata, e ouro,  
 He que ella mais val  
 Que todo o Thesouro.  
 Não quero ser senhor,  
 Mais rico sou d'amor.

Se pompa, e grandeza  
 Por ella me tornas,  
 Com ella, oh Fortuna,  
 O templo mais ornas.  
 Não quero ser senhor.  
 Mais rico sou d'amor.

Eu quero a Marília,  
 Não quero riquezas;  
 No extremo sou grande,  
 Não busco grandezas.  
 Não quero ser senhor;  
 Mais rico sou d'amor.

Se pobre me vires,

*Os premios são estes  
São estas as vestes,  
Que amor vos destina;  
A amar-vos ensina  
No dia melhor.*

Tres vezes bateo as azas  
Sobre Marilia, e Dirceo;  
E rompendo os densos ares  
Delles desapareceo.

*He mais doce que o mel teu terno agrado.*

## S O N E T O.

**M**arilia , chega , que Dirceo t'espera  
Sobre as candidas azas da alegria :  
Chega , querido bem , trazes o dia ,  
Em que a inveja ferina s'exaspera.

Apenas no horizonte amanhecêra ,  
E Fébo os louros raios repartia ;  
Já dentro desta Aldêa se sabia ,  
Que a causa deste bem Marilia era.

Tu já vês como salta o cordeirinho  
Alegre atraz da mãi no verde prado :  
Ouves cantar o alado passarinho :

Pizas a inveja , rindo-te do Fado :  
He mais puro que o leite o teu carinho ,  
*He mais doce que o mel teu terno agrado.*

*Recebe os cultos deste peito amante.*

SONETO.

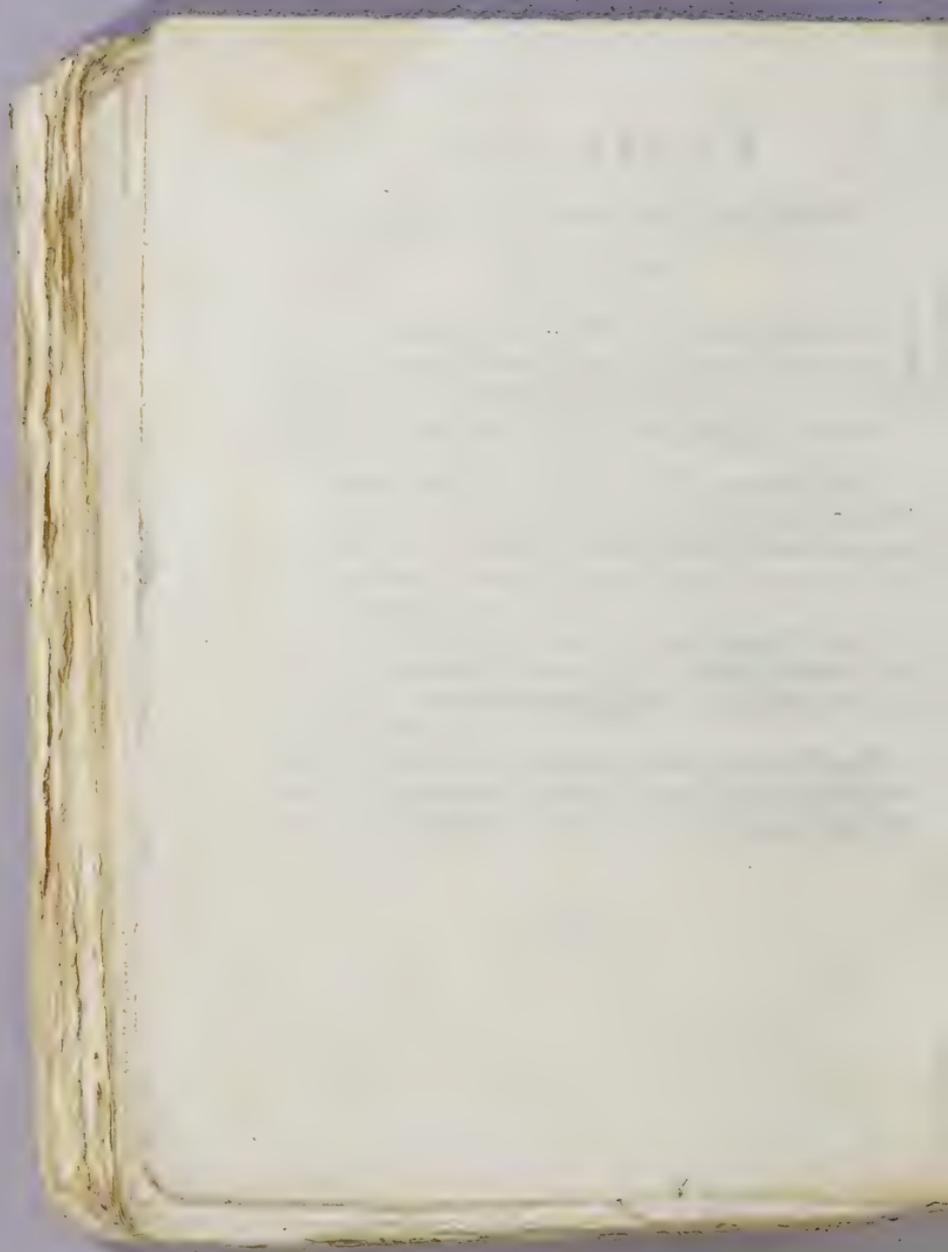
Ó Marilia gentil, ao Templo vamos,  
 Onde amor tem na Pyra fogo ardente;  
 Quero-te alli; desejo-te presente;  
 Pois que os dons da firmeza em nós levamos.

Este o grande Portal; já que chegamos  
 Repara nesta Massa reluzente;  
 Impuro coração não se consente  
 Em torno ás Aras, onde a vista alçamos.

Aqui d'Amor a chamma s'accrescenta  
 Em todo o peito fido, alma constante;  
 Aqui se morde a intriga turbulenta.

Mas, Marilia! meu bem! hum breve instan-  
 Ao altar sobe, junto a Amor t'assenta, (te  
*Recebe os cultos deste peito amante.*

F I M.



~~~~~  
INDEX DAS LYRAS.

P A R T E I.

~~~~~

|    |                                              |        |
|----|----------------------------------------------|--------|
| 1  | Eu, Marilia, não sou algum vaquei-<br>ro,    | pag. 3 |
| 2  | Pintão, Marilia, os Poetas                   | 6      |
| 3  | De amar, minha Marilia, a formosu-<br>ra     | 9      |
| 4  | Marilia, teus olhos                          | 11     |
| 5  | Oh! quanto pode em nós a vária Es-<br>trela! | 14     |
| 6  | Acaso são estes                              | 16     |
| 7  | Vou retratar a Marilia,                      | 19     |
| 8  | Eu sou, gentil Marilia, eu sou capti-<br>vo, | 21     |
| 9  | Marilia, de que te queixas?                  | 24     |
| 10 | Se existe hum peito,                         | 26     |
| 11 | Não toques, minha Musa, não, não<br>toques   | 29     |
| 12 | Topei hum dia                                | 32     |
| 13 | Minha bella Marilia, tudo passa;             | 36     |
| 14 | Oh! quantos riscos,                          | 38     |

|    |                                           |    |
|----|-------------------------------------------|----|
| 15 | A minha bella Marilia                     | 43 |
| 16 | Minha Marilia,                            | 45 |
| 17 | Não vês aquelle velho respeitavel         | 50 |
| 18 | Eu, Glauceste, não duvido                 | 52 |
| 19 | Em quanto pasta alegre o manso ga-<br>do, | 55 |
| 20 | Em huma frondosa                          | 57 |
| 21 | Não sei, Marilia, que tenho,              | 58 |
| 22 | Muito embora, Marilia, muito embo-<br>ra  | 61 |
| 23 | N'um sitio ameno                          | 62 |
| 24 | Encheo, minha Marilia, o grande Jo-<br>ve | 64 |
| 25 | O cego Cupido hum dia                     | 66 |
| 26 | Tu não verás, Marilia, cem captivos       | 71 |
| 27 | O destro Cupido hum dia                   | 72 |
| 28 | Alexandre, Marilia, qual o rio,           | 73 |
| 29 | Tu, formosa Marilia, já fizeste           | 76 |
| 30 | Cupido tirando                            | 79 |
| 31 | O tyranno Amor risonho                    | 80 |
| 32 | Junto a huma clara fonte                  | 82 |
| 33 | Minha Marilia,                            | 83 |
| 34 | N'uma noite socegado                      | 87 |
| 35 | Em cima dos viventes fatigados            | 89 |
| 36 | Péga na lyra sonora,                      | 93 |
| 37 | Convidou-me a vêr seu Templo              | 97 |

## P A R T E II.

|                                                   |     |
|---------------------------------------------------|-----|
| 1 Já não cinjo de louro a minha testa,            | 107 |
| 2 Morri , ó minha Bella :                         | 110 |
| 3 Esprema a vil calúnia muito embo-<br>ra         | 112 |
| 4 Succede , Marilia bella ,                       | 113 |
| 5 Já , já me vai , Marilia , branquejan-<br>do    | 115 |
| 6 Os mares , minha Bella , não se mo-<br>vem ;    | 117 |
| 7 Vou-me , ó Bella , deitar na dura ca-<br>ma ,   | 119 |
| 8 De que te queixas ,                             | 121 |
| 9 Meu prezado Glauceste ,                         | 123 |
| 10 Eu vejo , ó minha Bella , aquelle Nu-<br>men , | 125 |
| 11 A estas horas                                  | 128 |
| 12 Se acaso não estou no fundo Aver-<br>no ,      | 132 |
| 13 Arde o velho barril , arde a cabeça ,          | 134 |
| 14 Ah ! Marilia , que tormento                    | 136 |
| 15 Vês , Marilia , hum cordeiro                   | 138 |

|                                                     |     |
|-----------------------------------------------------|-----|
| 16 Alma digna de mil Avós Augustos !                | 140 |
| 17 Se lá te chegarem                                | 142 |
| 18 Eu , Marília , não fui nenhum Va-<br>queiro ,    | 144 |
| 19 Vejo , Marília ,                                 | 147 |
| 20 Dirceo te deixa , ó Bella ,                      | 149 |
| 21 Não molho , Marília ,                            | 152 |
| 22 Nesta triste masmorra ,                          | 153 |
| 23 Se me viras com teus olhos                       | 155 |
| 24 Que diversas que são , Marília , as<br>horas ,   | 158 |
| 25 Por morto , Marília ,                            | 160 |
| 26 Não praguejes , Marília , não prague-<br>jes     | 162 |
| 27 Eu vou , Marília , vou brigar co'as fe-<br>ras ! | 164 |
| 28 Minha Marília ,                                  | 165 |
| 29 Aquelle , a quem fez cégo a nature-<br>za ,      | 168 |
| 30 A minha Amada                                    | 170 |
| 31 Detem-te , vil humano ;                          | 173 |
| 32 Eu descubro procurar-me                          | 174 |
| 33 O Pai das Musas ,                                | 176 |
| 34 Roubou-me , o minha Amada , a sor-<br>te impia   | 178 |
| 35 Não has de ter horror , minha Mari-<br>lia ,     | 181 |

I N D E X.

|                                  |     |
|----------------------------------|-----|
|                                  | 251 |
| 36 Meu sonoro Passarinho ,       | 182 |
| 37 Se o vasto mar se encapella , | 184 |
| 38 Eu vejo aquella Deosa ,       | 187 |

P A R T E III.

|                               |     |
|-------------------------------|-----|
| 1 Como alegre vem nascendo    | 195 |
| 2 N'uma escura gruta ,        | 198 |
| 3 Leo-se-me em fim a sentença | 200 |
| 4 Que vezes julga , que morre | 202 |
| 5 Fulgidas Estrellas          | 204 |
| 6 Vaidosa a Fortuna           | 205 |
| 7 Em quanto o sordido aváro   | 208 |
| 8 Hum dia que o gado          | 209 |
| 9 Como correm brandamente     | 210 |
| 10 Á bella Cyth'rea           | 212 |
| 11 Ergástulo cruento          | 215 |
| 12 De Cresso as riquezas      | 219 |
| 13 Em carro de branca neve    | 226 |
| 14 Contente promette          | 228 |
| 15 Já quando baixava Fébo     | 233 |

INDEX

187. Man conoço Passarinho  
 188. De o casto port de curaçello  
 189. De cu casto quella Breda

M A T E R I A

1. Como alyto ven novendo  
 2. De uos casto curaçello  
 3. De alyto ven novendo  
 4. De alyto ven novendo  
 5. De alyto ven novendo  
 6. De alyto ven novendo  
 7. De alyto ven novendo  
 8. De alyto ven novendo  
 9. De alyto ven novendo  
 10. De alyto ven novendo  
 11. De alyto ven novendo  
 12. De alyto ven novendo  
 13. De alyto ven novendo  
 14. De alyto ven novendo  
 15. De alyto ven novendo

C840

G642M

